



Número 175
Julho 2016

ARALITOS DO VELHO

As. *reito Pontifício*



*O mestre
do nosso fundador*

LANÇAMENTO

O DOM DE SABEDORIA NA MENTE, VIDA E OBRA DE PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA



Quarenta anos de convívio fazem de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, a mais autorizada testemunha sobre a vida, a atuação, as virtudes e o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira.

Nesta coleção de cinco volumes que acaba de vir a lume, o Superior-Geral

dos Arautos do Evangelho oferece uma descrição minuciosa das moções do Espírito Santo na alma de Dr. Plínio.

Observador atento e sistemático das ações de seu mestre, Mons. João oferece uma aula de teologia viva, personificada num varão virtuoso e providencial.



Os dois primeiros volumes já estão à venda. Em agosto, mais três completarão a coleção.



Preço de lançamento
R\$29,90
Volume I



Preço de lançamento
R\$29,90
Volume II

Volume I: 360 págs., 211 ilustrações. Formato 23 x 15,7 cm | **Volume II:** 392 págs., 268 ilustrações. Formato 23 x 15,7 cm

Encomende já sua coleção pela internet:
www.arautos.org/domdesabedoria
ou pelo telefone (11) 2971-9040



O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira
é uma publicação conjunta internacional da
Libreria Editrice Vaticana e dos Arautos do Evangelho





Revista mensal dos
**ARAUTOS DO
EVANGELHO**

Associação privada internacional de
fiéis de direito pontifício

Ano XV, nº 175, Julho 2016

ISSN 1982-3193

Publicada por:

Associação Arautos do Evangelho do Brasil
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:

Pe. Pedro Paulo de Figueiredo, EP

Conselho de Redação:

Ir. Guy Gabriel de Ridder, EP; Ir. Juliane
Vasconcelos A. Campos, EP; Pe. Luis Alberto
Blanco Cortés, EP; Ir. Mariana Morazzani
Arráiz, EP; Severiano Antonio de Oliveira

Administração

Rua Bento Arruda, 89
02460-100 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

Assinatura Anual:

Comum	R\$ 145,00
Colaborador	R\$ 200,00
Benfeitor	R\$ 255,00
Patrocinador	R\$ 330,00

Assinatura por internet:

www.revista.arautos.org.br

SERVIÇO DE ATENDIMENTO

AO ASSINANTE: (11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 A 17:00H)

Montagem:

Equipe de artes gráficas
dos Arautos do Evangelho

Impressão e acabamento:

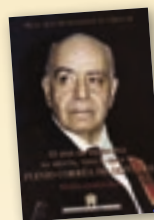
Divisão Gráfica da Editora Abril S/A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4.400 - 02909-900 - SP

SUMÁRIO

O mestre do nosso fundador (Editorial) 4



Primeiro encontro



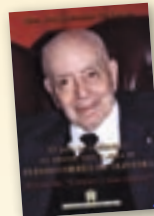
Parte IV - Vítima
expiatória –
A graça de Genazzano

38

8



Parte I - Inocência,
o início da sabedoria –
O desabrochar da vida
mística num menino
inocente



Parte V - Plenitude:
“Combati o bom combate” –
Os frutos de um holocausto

44

10



Parte II - Juventude: a
sabedoria posta à prova –
Adolescência marcada
pela luta



Plínio Corrêa de Oliveira
está vivo!

50

24



Parte III - Configura-se a
missão – A voz de Cristo
para o século XX



“Meu Imaculado Coração
triumfará”

52

32

O MESTRE DO NOSSO FUNDADOR

Acabam de ser publicados os dois primeiros volumes, de um total de cinco, da obra “O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira”, de autoria de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP. A importância desta coleção reside, de uma parte, no papel providencial desse destacado líder católico brasileiro, alma dotada de altíssimos dons místicos e apóstolo cheio de fogo, penetrado até o mais íntimo pela sabedoria de Deus. De outra parte, seu valor consiste na autoridade do Autor, discípulo fervoroso, seguidor incondicional e observador atentíssimo de Dr. Plínio.

No dia 7 de julho de 2016 cumprem-se sessenta anos do primeiro encontro entre Plínio Corrêa de Oliveira e um jovem de dezesseis anos, chamado João. As maravilhas ocorridas nesse longo período podem resumir-se nestas palavras: a riqueza da graça que habitava o coração do mestre, o fulgor da luz que portava, as labaredas de amor

e zelo pela glória de Deus e da Igreja que o consumiam, tomaram por inteiro a mentalidade, a pessoa e a vida daquele jovem.

Em gratidão a esses sessenta anos de união mística e aos inestimáveis tesouros de sabedoria e graça recebidos, Mons. João dedica a seu amado pai, modelo e guia, uma valiosa coleção sobre sua profética figura.

A revista “Arautos do Evangelho” se associa com regozijo à difusão do oportuno estudo que representa um inigualável contributo para a compreensão da própria pessoa e da mentalidade de Mons. João, que é o fundador dos Arautos do Evangelho, e das características essenciais do carisma dessa Associação Internacional de Direito Pontifício.

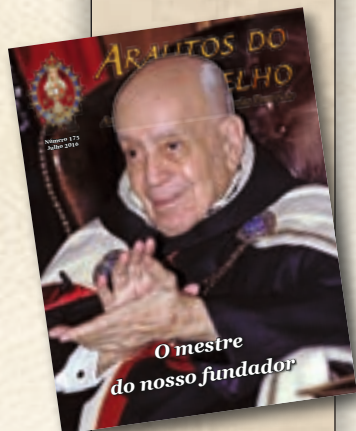
Para introduzir nosso leitor nas intenções do Autor, nada melhor do que citar, com pequenas adaptações, as palavras iniciais de sua obra:

Concluído o Concílio de Niceia,¹ parecia restaurada a unidade da Igreja e banida a heresia ariana. Entretanto, enquanto dos púlpitos era proclamado o mistério da divindade de Cristo, a falsa doutrina continuava a difundir-se a portas fechadas.

Santo Atanásio, Patriarca de Alexandria, tentava converter os desertores, mas estes permaneciam inconvertíveis. Por todo o Ocidente e grande parte do Oriente os arianos adquiriam força; o mundo parecia ceder ao erro.

No deserto, porém, Santo Antão tinha visto mis-

ticamente a divindade de Nosso Senhor. Era ele um testemunho vivo dessa verdade de Fé. Santo Atanásio então mandou buscá-lo e, na mesma noite em que chegou à cidade de Alexandria, incontáveis cristãos e hereges reuniram-se na basílica para vê-lo. O nonage-



Dr. Plínio em 11/12/1994, revestido do hábito característico do “cætus fidelium” que, sob a égide de Mons João, deu origem aos Arautos do Evangelho

Foto: Sérgio Miyazaki

nário eremita, que pela simples presença impunha respeito, sentou-se perto do altar. Em seguida, o Patriarca tomou a palavra e glorificou a natureza divina do Redentor. De súbito, uma voz saída do meio da multidão protestou. Santo Antão espantou-se com aquela indecorosa interrupção e pediu a tradução do que ouvira, pois não compreendia o grego. “O Senhor era apenas um homem, criado por Deus e sujeito à morte e à transição”, traduziram-lhe. Santo Antão ergueu-se e exclamou: “Eu O vi!” Um frêmito percorreu as naves da igreja. “Ele O viu! Ele viu a divindade do Senhor!”, diziam os fiéis de joelhos.

Mais que a bela e lógica doutrina exposta no Concílio, a imponente voz desse homem, para quem a verdade da natureza divina de Cristo se tornara quase uma evidência em virtude de uma visão sobrenatural, foi o maior golpe que a heresia recebeu. Eis um exemplo do valor de um testemunho vivo. Ora, *mutatis mutandis*, deve-se dizer que este trabalho nasceu também de um testemunho do Autor.

A figura de Plínio Corrêa de Oliveira

Plínio Corrêa de Oliveira nasceu em São Paulo, Brasil, a 13 de dezembro de 1908. Filho de Dr. João Paulo Corrêa de Oliveira, advogado procedente de uma ilustre família de Pernambuco, e de Da. Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira, oriunda da tradicional aristocracia paulista, Plínio passou sua infância e adolescência no sereno ambiente familiar, inserido na aprazível sociedade da São Paulo de outrora.

Na juventude, destacou-se como indiscutível líder católico, o que o levou a percorrer uma fulgurante



Quase quarenta anos de convívio numa atmosfera de união de almas e comunicação de espírito, fazem do Autor a mais autorizada testemunha

Mons. João cumprimenta Dr. Plínio em 21/4/1990

te carreira política, tornando-se conhecido em todo o País. Mais tarde fundou um movimento para lutar pelos ideais da Igreja, reunindo numerosos discípulos em torno de si, aos quais se esforçou por transmitir uma sólida formação doutrinária, bem como o espírito que o animava. Plínio Corrêa de Oliveira faleceu a 3 de outubro de 1995, após uma terrível enfermidade.

Entretanto, ponderando que todo homem tem uma determinada missão a cumprir em função do desenrolar da História, mais do que se deter na análise de fatos concretos a vida de Dr. Plínio merece ser considerada sob a perspectiva desse desígnio de Deus, a fim de se compreender sua pessoa e sua obra.

Com efeito, a humanidade vem sendo corroída por uma longa crise, estabelecida no Ocidente ao longo dos últimos cinco séculos e designada por Dr. Plínio com o nome de Revolução.² Esse processo de desagregação total, propulsionado pela exacerbação das paixões do orgulho

e da sensualidade, pretendeu instaurar em todo o mundo o igualitarismo metafísico. Para isso procurou eliminar os vestígios da ordem cristã, sacral e hierárquica, insurgindo-se, assim, contra o trono do Todo-Poderoso e implantando na face da Terra o reino de satanás. Contudo, quando a Revolução parecia prestes a atingir o auge de sua expansão e planejava alçar o estandarte da vitória, Deus suscitou um varão, filho da Igreja e eleito por Nossa Senhora, para desempenhar um papel que até esse momento não havia se manifestado na História.

Quem foi, pois, este homem?

Um varão que nasceu e se desenvolveu à luz da inocência de sua mãe, Da. Lucília, e brilhou por sua virgindade e integridade moral.

Um varão chamado a refletir em si virtudes harmônicas aparentemente opostas: de um lado, extraordinária grandeza e majestade imponente, as quais causavam medo aos orgulhosos; de outro, uma bondade acolhedora, penetrante e cheia de benquerença, que atraía...

Um varão dotado de um carisma de discernimento dos espíritos sem igual, com uma visão histórica a respeito de toda a opinião pública, penetrando os indivíduos, as nações, os povos.

Um varão que, à maneira de uma árvore brotada entre as rochas, cresceu em meio a perseguições, incompreensões e ingratidões.

Um varão de fé, o qual defendeu, das fileiras do laicato, a honra, a santidade e a infalibilidade da Igreja como ninguém o fizera em sua época.

Um varão que, sozinho, divisou a situação da humanidade, discerniu o mal que se alastrava e levantou-se contra toda a sua geração e as subsequentes. Com a força de sua convicção desafiou o consenso de

seu tempo, seguiu a correnteza e quebrou a Revolução, para que, sobre seus escombros, fosse edificado o Reino de Maria,³ prometido por Nossa Senhora em Fátima. Nessa intenção ofereceu a própria vida, se assim dispusesse a Providência, e foi colhido depois de mil sofrimentos enfrentados com a coragem de um cavaleiro e a resolução de um verdadeiro mártir.

O porquê da obra

Muitos já empreenderam a tarefa de publicar escritos dedicados à figura de Plínio Corrêa de Oliveira, além de existirem numerosas referências à sua pessoa e atuação em tantos autores. Em alguns se encontra uma concepção parcial de sua abrangente personalidade, em outros se procura deformar sua imagem, apresentando-a por um prisma distorcido ou irreal. Sobretudo, nenhum deles oferece uma visualização correta, que mostre este varão ímpar do único ponto de vista pelo qual realmente merece ser considerado, isto é, o do desígnio de Deus sobre ele.

Ora, ninguém parece ser mais indicado, nem possuir voz mais acreditada para tal encargo, do que o Autor desta obra. Já em outubro de 2010, para a obtenção do grau de Doutor em Teologia pela Universidade Pon-

tificia Bolivariana de Medellín, Colômbia, defendeu ele sua tese sobre o mesmo tema, sendo qualificada pela banca examinadora com a nota máxima, *summa cum laude*.

A coleção em cinco volumes é uma versão ampliada desse trabalho, por meio da qual se quis facilitar ao grande público a compreensão deste homem que atravessou o século XX de ponta a ponta, e marcou de forma indelével os séculos vindouros.

“Eu o vi!”, bem pode exclaimar o Autor. Afinal, os quase quarenta anos de convívio com Dr. Plínio, numa atmosfera de união de almas e comunicação de espírito, fazem dele uma testemunha, e a mais autorizada, para se pronunciar sobre a vida, a atuação, as virtudes e o pensamento de seu mestre.

No entanto, a respeito de um varão que chegou a afirmar de si “Já não sou eu quem vivo, mas é a Igreja Católica que vive em mim”,⁴ nada melhor do que recorrer ao sapiencial ensinamento dessa Igreja que ele amou até as últimas fibras de seu ser, para explicá-lo com maior profundidade.

Um livro vivo

Quando o Autor iniciou seus estudos teológicos com os mestres de Salamanca, todos eles filhos de São

Domingos, logo no começo teve um movimento de alma de intensa admiração pelo modo de expor a teologia, tão característico do carisma dominicano. As verdades mais sublimes, os problemas mais complicados, as questões morais mais difíceis, tudo era apresentado com uma clareza rutilante, de forma viva e acessível.

Entre as variadas e atraentes questões, um ponto chamou-lhe especialmente a atenção: a ação do Espírito Santo nas almas e seu papel na santificação. O Autor já havia se dedicado ao tema *graça*, essa misteriosa, mas quão real, participação na vida divina. Todavia, não conhecia a fundo a possibilidade de o homem ser assumido, iluminado e guiado por Deus a ponto de agir como Ele mesmo, sob sua direta inspiração, por meio dos sete dons do Espírito Santo. Entre estes, os mestres dominicanos, fiéis aos ensinamentos de São Tomás, apontavam o de sabedoria como o mais elevado, por possuir uma função arquitetônica em relação aos demais, sendo, em consequência, considerado o pináculo do organismo espiritual infundido na alma com o Batismo, formado por virtudes e dons.⁵

Além disso, no decurso desses estudos, compreendeu ele com toda a nitidez como o que a mística ensina-

¹ Celebrado em 325, na pequena localidade de Niceia, na Bitínia, dentro da atual Turquia, o Concílio condenou a heresia de Ário, o qual, em suposta defesa da unidade absoluta de Deus, negava a divindade do Verbo, afirmando ser Ele uma criatura do Pai. Sua falsa doutrina havia despertado simpatia entre muitos que se negavam a aceitar o mistério da Santíssima Trindade, e espalhara-se rapidamente pelo mundo cristão daquela época. Contudo, a consequência mais nociva dos er-

ros de Ário estava em que, recusando-se a admitir a divindade do Filho, fazia ruir o mistério da Redenção, pois, se Jesus Cristo não era Deus, seu Sangue derramado na Cruz não poderia ter tirado o pecado do mundo. Graças a Ósio, Bispo de Córdoba, e a Santo Alexandre, Patriarca de Alexandria, convocou-se o Concílio, ao qual assistiram trezentos Bispos, os legados do Papa São Silvestre e Santo Atanásio, então arcebispo de Alexandria e verdadeiro motor da luta contra o

arianismo. O triunfo da ortodoxia no Concílio foi selado pela elaboração de um Símbolo, em que se proclamou o Filho *consustancial* ao Pai, e pelo desterro imediato de Ário e de seus seguidores.

² Por *Revolução* Dr. Plínio entendia o movimento que há cinco séculos vem demolindo a Cristandade, e cujos momentos pinaculares foram as quatro grandes crises do Ocidente cristão: o protestantismo, a Revolução Francesa, o comunismo e a

revolta anarquista da Sorbonne em 1968. Suas molas propulsoras são o orgulho e a sensualidade. Da exacerbação dessas duas paixões resulta a tendência a abolir toda legítima desigualdade e todo freio moral. Por sua vez, ele denominava a reação contra este movimento de subversão como *Contra-Revolução*. Estas teses estão expostas em seu ensaio *Revolução e Contra-Revolução* (cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra-Revolução*. 5.ed. São Paulo: Retornarei, 2002),



Reprodução

O objetivo da obra, composta de cinco volumes, é oferecer uma descrição minuciosa das moções do Espírito Santo na alma de Dr. Plínio através dos olhos de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, observador atento e sistemático de todas as suas ações

va sobre o papel dos dons do Espírito Santo na santificação da alma se aplicava inteiramente ao que tinha ocasião de comprovar, no dia a dia, em Dr. Plínio. A partir desse instante a teologia deixou de estar restrita ao campo teórico para se tornar viva e personificada num varão virtuoso. E seu verdadeiro livro de teologia passou a ser Dr. Plínio.

A sabedoria viva no século XX

O propósito da obra é oferecer uma descrição minuciosa das moções do Espírito Santo na alma de Dr. Plínio, notadamente mediante o dom de sabedoria, através dos olhos do Autor, observador atento e sistemático de todas as suas ações durante os longos anos transcorridos a seu lado.

O Autor, com entranhada emoção, se recorda do dia 15 de março de 2005 na Basílica de São Pedro, no Altar da Cátedra com seis candelabros acesos, pronunciando em latim sua profissão de fé. Com sua mão sobre as Sagradas Escrituras, foi constrangido a conter as lágrimas, sobretudo ao proclamar em alta voz: “No exercício do meu cargo, que me foi confiado em nome da Igreja, conservarei intacto, transmitirei e explicarei fielmente o depósito da Fé”.⁶ Esse momento jamais será esquecido e constituirá para ele um ponto de referência por toda a eternidade.

Pois bem, enquanto a sua pluma se desliza sobre o papel para redigir estas linhas, novamente se encon-

tra a mão esquerda do Autor sobre as Escrituras Sagradas e brota-lhe do fundo de sua alma esta declaração, dentro do mesmo espírito, seriedade e consciência do anterior juramento. Nessa perspectiva, diz o Autor: Eu confesso que convivi, ao longo de quarenta anos e muito de perto, com Plínio Corrêa de Oliveira; todas as transcrições de suas palavras correspondem à realidade de suas expressões durante esse período, pois possuo o arquivo de suas conferências, comentários e conversas, além de seus escritos. Peço à Santíssima Trindade, por intercessão de Maria Santíssima, Mãe do Bom Conselho de Genazzano, que aceite a obra para benefício das almas e glória da Santa Igreja. ✧

publicado pela primeira vez no mensário de cultura *Catolicismo*, em abril de 1959.

³ Para Dr. Plínio, o Reino de Maria é a era histórica prevista por São Luís Maria Grignon de Montfort em sua obra *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, e mais tarde anunciada pela própria Nossa Senhora em suas aparições aos pastorinhos de Fátima: “Por fim, meu Imaculado Coração triunfará!” A esperança desse Reino era para Dr. Plínio uma certeza e

constituiu um dos principais objetivos de seu apostolado e de toda sua existência.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 7 jun. 1978.

⁵ “Se compararmos agora o dom de sabedoria com os demais dons, veremos que desempenha em relação a eles uma função arquitetônica, em constante sinergia com eles e com todas as virtudes. O dom de sabedoria contempla e dirige todo o movimento de nossa vida espiritual no resplen-

dor do mistério de Deus” (PHILIPON, OP, Marie-Michel. *Les dons du Saint-Esprit*. Paris: Desclée de Brouwer, 1964, p.229); “O dom encarregado de levar à sua última perfeição a virtude da caridade é o de sabedoria. Sendo a caridade a mais perfeita e excelente de todas as virtudes, compreende-se que o dom de sabedoria seja, por sua vez, o mais perfeito e excelente de todos os dons. [...] Os demais dons percebem, julgam ou atuam sobre coisas distintas de Deus. O dom de sabedo-

ria, ao contrário, recai primária e principalissimamente sobre o próprio Deus, do qual nos dá um conhecimento saboroso e experimental, que cumula a alma de indizível suavidade e doçura” (ROYO MARÍN, OP, Antonio. *El gran desconocido. El Espíritu Santo y sus dones*. 2.ed. Madrid: BAC, 2004, p.190-191).

⁶ PONTIFICAL ROMANO. Tradução do original em latim, aprovada pela CNBB. São Paulo: Paulus, 2004, p.576-577.

Primeiro encontro

Ao ver sua figura trajando hábito e contemplar-lhe a fisionomia, o Autor lembrou-se das visões preparatórias: era a realização daquilo que Nossa Senhora havia prometido!



Dr. Plinio com hábito da Ordem Terceira do Carmo, à época em que Mons. João o conheceu

O Autor teve a ventura de conhecer Dr. Plinio no primeiro dia da novena de Nossa Senhora do Carmo, no ano de 1956. Tal acontecimento, porém, foi preparado por alguns antecedentes.

Por esses anos o Autor, ainda adolescente, vivia uma autêntica tragédia interior por perceber a degradação da sociedade. Por diversas circunstâncias, desde criança ele se sentia abandonado numa terra de bandidos, onde precisava estar em contínuo alerta, pois qualquer desgraça lhe podia sobrevir. Achava que o mundo estava completamente desprovido de justiça, não havia lei nem castigo suficientes para pôr fim a tantos horrores que se cometiam.

Ademais, ele desejava muito encontrar uma pessoa boa e desinteressada. Não era possível que o universo se sustentasse sem alguém assim. Por uma ação da graça, tinha ele certeza absoluta de existir um homem que fosse perfeito, justo, grandioso, capaz de mudar a face da Terra, junto ao qual houvesse um grupo de pessoas.

Uma figura cheia de majestade e força

Essas impressões eram reforçadas por certos fenômenos sobrenaturais. O Autor se recolhia à noite, mas não conseguia conciliar o sono,

por causa daquela perplexidade. Tinha então as cobertas e se ajoelhava aos pés da cama, pois não tinha o costume de se ajoelhar no chão. Segurava as mãos e por longos períodos rezava Ave-Marias, contando-as nos dedos, pedindo para encontrar esse homem bom, que era sua “terra prometida”. Em várias ocasiões, enquanto assim fazia, o Autor viu a silhueta de uma pessoa corpulenta, revestida de um hábito e uma capa creme, com muita majestade e força, mas na qual não distinguia os traços fisionômicos. Esse varão se lhe afigurava como o homem por ele esperado. Tão emocionado ficava que as lágrimas lhe corriam pela face. Passaram-se dois anos, nos quais esta visão se repetia quase todas as noites...

Mudança de todos os hábitos

Devido a uma mudança de colégio e a outras razões familiares, o Autor havia perdido de vista todos seus amigos. Vendo-se isolado, resolveu fundar uma sociedade para tirar os jovens da corrupção e do vício, pondo-os no caminho reto.

Inscrito no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, o Autor tornou-se aluno de um discípulo de Dr. Plinio que lecionava História no estabelecimento. Um dia, na sala de aula, este perguntou se alguém duvidava da existência do inferno. Seis alunos

levantaram a mão, e ele lhes mandou procurá-lo depois da classe para ouvir a demonstração. O Autor os acompanhou, ansioso por conhecê-la. O professor deu a prova clássica de que o castigo é proporcionado à ofensa, e esta é proporcionada ao ofendido. Sendo o ofendido infinito, o castigo deveria ser também infinito. O Autor exultou com a resposta, e logo pensou em chamar o professor para fazer parte de sua futura associação... Mas foi ele quem o convidou para uma conversa em sua casa.

No dia marcado, em vez de tratar a respeito da sociedade, o professor fez uma palestra sobre o protestantismo e as monstruosidades de Lutero, com base no livro *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, do Pe. Leonel Franca, SJ. O Autor saiu impressionado com a exposição e concluiu ser a Igreja Católica a solução de todos os problemas, desejando assim pô-la no centro de sua vida. Recebeu ele uma graça fulgurante em relação à Esposa Mística de Cristo, e nela pensou durante toda a noite. No dia seguinte procurou um sacerdote,

confessou-se, assistiu Missa e comungou, costume que manteve diariamente desde aquela data até hoje. Por sua vez, aprendeu a rezar o Rosário e passou a recitá-lo naquele mesmo dia. Enfim, mudou todos os seus hábitos!

Passados dois meses o professor convidou-o para assistir a novena a Nossa Senhora do Carmo, da qual ele e alguns amigos participariam. Aí se daria o primeiro encontro com Dr. Plínio.

“Esse é o homem!”

No dia 7 de julho de 1956, o Autor acompanhou o professor à Basílica do Carmo e, como este atuaria na cerimônia, permaneceu só, acomodado em um dos bancos de trás. De repente, soam o sininho da sacristia e o sino da igreja: eram oito horas da noite. O coro dos religiosos entoou o hino *Flos Carmeli*, numa composição acompanhada de instrumentos que enche a basílica de harmonias. Todos se levantam, e o Autor, tomado pela graça, exclama para consigo: “Eu estou no Céu!”.

Então aproximou-se um cortejo composto por duas colunas, entrando pelo fundo da igreja: eram doze pessoas revestidas do hábito do Carmo e da capa. Aqueles poucos homens extasiaram o Autor, que pensou: “Aqui está o conjunto que eu procurava!”.

Mas seu arrebatamento chegou ao auge quando viu, depois da sexta dupla, um que vinha só, no centro, preenchendo o espaço das duas fileiras. Um pormenor chamou-lhe a atenção logo à primeira vista: enquanto os demais tinham a capa fechada e quase não se via o escapulá-

rio, naquele varão corpulento a capa estava toda aberta, mostrando o peito forte de um homem com auto-ridade. Era Dr. Plínio!

Ao ver sua figura trajando hábito e contemplar-lhe a fisionomia, o Autor lembrou-se das visões preparatórias: era a realização daquilo que Nossa Senhora havia prometido! Recebeu, enfim, uma graça mística extraordinária, que na linguagem interna do Grupo dos discípulos de Dr. Plínio seria chamada de “flash”, e em sua alma só houve uma exclamação: “Esse é o homem bom que eu procurava! A ele eu queria conhecer, a ele sou chamado a seguir e a me enfeudar!”. O Autor pode pôr a mão sobre os Evangelhos e afirmar que toda a entrega que faria depois em relação a Dr. Plínio já

estava em germe naquele primeiro olhar.

Terminado o ato, o Autor saiu da igreja junto com fiéis que se retiravam, a fim de esperar o professor. Dr. Plínio se aprontou depressa e desceu a escadaria externa do convento anexo à Basílica, enquanto o Autor o acompanhava com o olhar, dizendo para si mesmo: “Ah, lá está ele”. Ao contrário do que imaginava, Dr. Plínio veio em sua direção. Julgava que ele passaria sem dizer nada, pois estava certo de que não o conhecia, quando, para sua surpresa, o cumprimentou:

— Você é o João?

— Sim, sou eu mesmo.

— E eu sou Plínio Corrêa de Oliveira.

A conversa transcorreu sobre diversos temas e, uma vez terminada, Dr. Plínio despediu-se com um sonoro “Salve Maria!”. Enquanto ele se distanciava, o Autor o contemplava, encantado.

Depois desse inesquecível encontro, o Autor entrou para o Grupo de Dr. Plínio e realizou-se, de fato, aquilo por que aspirava. Foi, portanto, um dia felicíssimo, a partir do qual se estabeleceu um relacionamento místico, superior ao próprio convívio, pelo qual o Autor entregou-se por completo, convicto de ter achado o homem que procurara. Foi o maior “flash” da vida, “flash” permanente e vivo até o momento em que escreve estas linhas. Todas as graças posteriores no sentido de compreendê-lo enquanto profeta, varão da destra de Maria Santíssima e homem providencial foram apenas o desdobrar dessa riquíssima semente inicial, posta pela Providência em sua alma. ✧



João Paulo Rodrigues

Dr. Plínio desceu a escadaria externa do convento anexo à Basílica, enquanto o Autor o acompanhava com o olhar

Fachada da Basílica do Carmo, São Paulo



O desabrochar da vida mística num menino inocente

Ouvindo a narrativa da mãe, Plínio construiu para si uma noção da Alma de Nosso Senhor. E logo foi levado a descobrir na Igreja o desdobramento de todas as maravilhas contidas no Sagrado Coração de Jesus.

O desafio de descrever por inteiro e em todos seus riquíssimos pormenores a figura luminosa de Dr. Plínio não é tarefa simples, como ele mesmo o confessou ao Autor.

“Lembro-me de todos os movimentos da graça em minha alma”

Era uma tarde de sábado, em dezembro de 1967. Acometido por grave crise de diabetes e tendo, em consequência, se submetido a uma operação no pé, Dr. Plínio encontrava-se repousando no sofá vermelho do escritório de seu apartamento. Todos seus amigos ou próximos haviam saído, exceto dois que permaneciam na sala ao lado: o médico que o assistia nos fins de semana e o Autor, que dava expediente para atendê-lo em qualquer necessidade. Ambos conversavam longamente a respeito do que se tinha passado com Dr. Plínio durante os últimos dias.

De repente, tocou a sineta: era Dr. Plínio quem chamava. Quando entraram, ele deitou um olhar cheio de discernimento dos espíritos sobre os dois e, percebendo pelo imponderável que a

conversa estava sendo muito abençoada, perguntou antes mesmo de pedir o que precisava:

— Sobre o que estavam conversando aí fora?

Como a oportunidade se apresentava propícia, disseram:

— Sobre um assunto muito precioso, que são os acontecimentos da semana com o senhor, e estávamos desejosos de propor o seguinte: uma vez que, segundo o prognóstico dos médicos, essa convalescença vai se prolongar por dois ou três meses, o senhor não quereria aproveitar os períodos vagos para ditar a sua história? Nós estamos aqui à disposição e poderíamos nos revezar: ora anota um, ora anota outro...

Ele sorriu, e respondeu:

— Ah, não se iludam! Isso seria interminável, porque eu me lembro dos mínimos movimentos da ação da graça em minha alma desde o primeiro lampejo do uso da razão. E, portanto, se fosse escrever tudo, daria para encher mais de cem volumes!

O que o levava a ter memória de todos os movimentos da graça em seu interior desde

O que levava Plínio a ter memória de todos os movimentos da graça em seu interior?



Dr. Plínio nos braços de sua mãe, Da. Lucília

quando tomou consciência de si? Era ele um varão de fidelidade privilegiada, que vivia constantemente voltado para Deus e cultivava as graças recebidas com um empenho e um afincio incomparáveis.

Por esse motivo, é à luz da vida divina que inabitava sua alma e a tornava refulgente e grandiosa que o Autor deseja ressaltar em sua obra os aspectos mais profundos e admiráveis da pessoa de Plínio Corrêa de Oliveira.

O despontar de uma vida pervadida de mística

A experiência mística desabrochou em Plínio pouco depois de seu nascimento.

A partir do despontar do uso da razão, antes mesmo dos seis meses de idade, estava aceso nele o espírito de admiração, de enlevo e de veneração, sempre receptivo a todas as belezas postas por Deus na ordem da natureza e da graça. Desde a mais tenra infância, brilhou nele o candor da inocência e um surpreendente dom de discernimento dos espíritos, pelo qual anali-

sava, cheio de penetração sobrenatural, a realidade que o circundava.

Nesse sentido, seu próprio testemunho é do mais alto interesse, pois mostra a intensidade e a força com que Deus agia em seu coração.

Inocência rutilante

Quem vê a primeira fotografia de Plínio, nos braços de sua mãe, Da. Lucília, nota logo, além da inocência da criança, o olhar analítico, lúcido e contemplativo de um menino que já tem suas desconfianças e suas percepções.

“Tanto quanto eu posso me lembrar de mim, em pequeno eu era muito analítico, isto é, de tomar as coisas e pensar sobre elas: ‘São boas, são ruins segundo a moral, mas são ontologicamente apetecíveis ou não?’ Uma aptidão para a análise vivíssima. Por exemplo, na minha fotografia nos braços de mamãe, [...] me parece ver já naquela criança uma propensão assim: não permitir que as coisas se apresentem acavaladas e promíscuas, mal diferenciadas. Uma enorme tendência para distinguir, para depois saborear ou recusar, analisar ou aprovar”.¹

Mais tarde, no segundo retrato de Plínio, aos dois anos de idade, encontramos-lo sentado numa pequena cadeira e, entretanto, ele está como se fosse um senhor ou um imperador num troninho, já com grandeza, já governando! Esse domínio e esse modo de ser digno defluíam do elevado pensamento que ele possuía.

“Numa fotografia minha já maiorzinho, sentado numa miniatura de cadeira de gente grande, eu percebo que já a análise deu uns passos, e algumas coisas já estão julgadas... Eu estou aprendendo a desconfiar vivamente, conforme o caso, embora também sabendo confiar. Parece-me que até aquela idade existe uma retidão boa: é de um menino que está pensando pouco ou nada em si, mas está preocupado em saber como são as coisas. Este espírito de análise estabelece, então, o desprendimento de si”.²

Visão paradisíaca da ordem do universo

É de se notar a predestinação deste homem: desde menino, a Providência preparou e beneficiou sua própria natureza humana, pondo nele um equilíbrio entre sentidos, vitalidade e primeiro impulso da alma, com a finalidade de levá-lo ao cumprimento perfeito de sua missão, que era a de ter uma visão completa, perfeita, acabada e íntegra da ordem do universo, e amar essa

*Desde a
mais tenra
infância,
brilhou nele
o candor da
inocência
e um
surpreendente
dom de
discernimento
dos espíritos*

*Esse domínio
e esse modo
de ser digno
defluíam
do elevado
pensamento
que ele
possuía*

ordem como reflexo da grandeza de Deus. Na realidade, esses princípios primeiros postos na alma de toda criança foram dados a Plínio de forma rica, sólida e excelente, levando-o a ter em relação a tudo uma compreensão como que paradisíaca.

Consideremos ainda uma de suas recordações, na qual se torna patente o quanto Plínio tinha uma noção implícita, inculcada pela graça, da existência de um universo muito superior, do qual este que vemos não é senão um reflexo.

Batendo os olhos sobre alguns ambientes, ele percebia pairar ali certa ação sobrenatural, vinda do mundo dos Anjos: “Eu tinha um feíto de espírito pelo qual as coisas sublimes me atraíam muito a alma. Olhando-as, analisando-as e admirando-as, querendo-as muito bem, eu ia insensivelmente conformando minha alma com aquele mundo ideal. Esse agir interior se aplicava a tudo quanto me parecesse de uma bondade, uma justiça, uma força e uma excelência extraordinárias. Tudo quanto estava nessa categoria de seres, fossem materiais, fossem espirituais, como os Anjos, que eu podia imaginar, tudo me parecia constituir um mundo que pairava por cima deste nosso, um mundo para o qual eu deveria voltar-me com toda a força, para modelar-me por essas sublimidades”.³

Como era esse conhecimento do pequeno Plínio? Em que consistia sua contemplação? Tão alta visão tem sua causa no “grande desconhecido”, o Divino Espírito Santo, que age mediante seus dons: “O dom de sabedoria”, sustenta o Pe. Philipon numa de suas brilhantes definições, “é o olhar supremo de Deus comunicado pela graça a uma simples criatura. Seu papel contemplativo e apostólico se estende a toda a atividade do cristão. Aos olhos da alma, esclarecida pelo dom de sabedoria, tudo se torna luminoso”.⁴



Plínio aos dois anos de idade

Dir-se-ia ser essa uma sintética descrição de como Dr. Plínio, desde a infância, via o universo tanto no tocante ao mundo sobrenatural quanto ao natural.

Alma de brilho auriprateado

Ora, o que sentia ele, quando menino, analisando a própria alma? Tomemos um relato que constitui uma verdadeira confissão a respeito de seu discernimento aplicado sobre si, e que é suficiente para mostrar o quanto era um homem providencial e místico, aquinhado com dons especialíssimos: “Em virtude de de minha inocência eu

tinha um estado de espírito pelo qual às vezes eu considerava a minha própria alma e percebia nela uma espécie de brilho auriprateado que fazia com que eu quase sentisse o aroma de mim mesmo e de tudo quanto eu tinha de *éclatant*, de brilhante, de reto e de puro. Isto era seguido da ideia de que essas coisas que eu admirava e me deliciava em possuir, existiam alhures de um modo muito mais intenso, como em sua potência *mater*. Era como se existisse um arquí *alter ego* – outro eu – meu atraentíssimo, porque imensa e infinitamente distante, mas inviscerado dentro de mim e brincando com minha alma como um homem poderia brincar com uma pedra preciosa. Eu tinha a impressão de que esse *alter ego* se comprazia em intensificar ora tal atitude, ora tal outra em minha alma e contemplá-la”.⁵

Como afirmará logo adiante, este *alter ego*, mais ele do que ele mesmo e infinitamente superior, era Deus. Por assim dizer, Ele trabalhava e enriquecia sua alma a fim de torná-la ainda mais parecida consigo e, dessa forma, poder entrar em diálogo e Se comprazer no relacionamento com alguém semelhante a Si. Algo análogo ao convívio de Deus com Adão, passeando às tardes no Paraíso (cf. Gn 3, 8).⁶

Assim, o ponto de partida da vida espiritual de Plínio, na infância, correspondia ao auge atingido por outros no término de seu caminho. Por quê? Porque, embora ainda não estivesse explícito por ser ele muito pequeno, o grande papel que ia desempenhar e também a trajetória de quase oitenta e sete anos que teria de aguentar, exigiam dele, nesse início, algo colossal.

Contemplando a inocência da mãe

Como foi visto, em Dr. Plínio já se fazia presente, na mais tenra idade, um dom que ele preservou até o último instante de sua existência: o discernimento dos espíritos. O Autor lembra-se de, uma vez, ter perguntado a ele quando havia desabrochado o discernimento dos espíritos em sua alma.

Com toda a naturalidade e despreensão, ele disse:

— Eu não me lembro de um momento no qual eu tenha me dado conta que possuía esse dom; quando acordei para o uso da razão, eu já raciocinava com o auxílio do discernimento dos espíritos.

— Mas, em quem o senhor aplicou primeiro esse discernimento?

— A primeira pessoa de quem eu guardo consciência de ter analisado foi mamãe. Lembro-me de que olhando para ela eu via sua alma e pensava: “Como ela é boa! Que bonda-

de, que equilíbrio, que benquerença! Como ela me quer profundamente, com inteiro desprendimento!”.

Dessa afirmação concluímos que, por uma graça imensa, ao fixar nela os olhos, viu mais o espírito do que a própria fisionomia. E declararia ele em outra ocasião: “As primeiras graças que me lembro de ter recebido foram de uma grande sensibilidade em relação a mamãe. Ela me impressionava muito mais pelo que eu percebia de sua alma do que pelas suas palavras. Sua presença exercia em mim um efeito profundo. Mesmo estando longe de mamãe, sabia o que ela queria ou não queria, e me desagradava contrariar sua vontade”.⁷

Da. Lucília foi o parâmetro, os trilhos, a “Tábua da Lei” que o sustentou na vida espiritual: entendeu ele desde muito pequeno, sem conhecer ainda a palavra *santidade*, como devia caminhar rumo a esta, tendo por modelo sua mãe. Assegura Dr. Plínio: “Passei a vida inteira analisando-a, haurindo-a e, tanto quanto possível, tornando-me semelhante a ela. O quanto ela foi nutrimento para minha inocência primeva, nem sei dizer, mas tento, desse modo, exprimir meu respeito sem nome, minha veneração e meu agradecimento”.⁸

Testemunho disso foi o louvor que ele lhe rendeu, logo que ela exalou o último suspiro:



O ponto de partida da vida espiritual de Plínio correspondia ao auge atingido por outros no término de seu caminho. Por quê?



O pequeno Plínio desde os quatro anos de idade até a Primeira Comunhão, aos dez anos

Plínio não tardou a fazer uma correlação entre o que ele havia visto pelo discernimento dos espíritos na alma de Da. Lucília e tudo aquilo que misticamente sentia de divino na Igreja



Fotografia de Da. Lucília tirada em 1912, em Paris

“Eu estudei sua bela alma com uma atenção contínua e era por isto mesmo que eu gostava dela. A tal ponto que, se ela não fosse minha mãe, mas a mãe de um outro, eu gostaria dela da mesma maneira, e daria um jeito de ir morar junto a ela. Mamãe me ensinou a amar a Nosso Senhor Jesus Cristo, ensinou-me a amar a Santa Igreja Católica”.⁹

Podemos concluir que Deus, em sua infinita sabedoria, preparou com antecedência o desabrochar da tão elevada vocação de Dr. Plínio, dando-lhe Da. Lucília por mãe.

Mas o discernimento de Dr. Plínio, sempre à procura das mais altas causas, estava preparado para descobrir a fonte de onde promanava a virtude, a suavidade e a pureza de sua mãe.

Encontro místico com Jesus Cristo e sua Igreja

Com efeito, Plínio não tardou a fazer uma correlação entre o que ele havia visto pelo discernimento dos espíritos na alma de Da. Lucília e tudo aquilo que misticamente sentia de divino na Igreja, à medida que a foi conhecendo. Pervadido de amor entranhado, forte e pleníssi-

mo, concluiu em determinado momento: “Minha mãe é fruto da Igreja!”.

Para melhor compreendermos esta percepção mística, é indispensável lembrar algumas de suas recordações mais remotas sobre a atmosfera de sacralidade e elevação notada por ele no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, que frequentou desde pequeno. Com seu dom de reversibilidade, um dos desdobramentos da sabedoria em sua alma, aquela criança pura, serena e reflexiva, ia descobrindo maravilhada a relação entre a Igreja e a própria mãe:

“Ao longo de vários domingos, eu ia fazendo a ligação entre a igreja e o órgão, e depois com mamãe que estava ao meu lado. Eu via mamãe rezar, tinha a proximidade física com ela e dizia: ‘Ela e a Igreja têm tal ou qual reversibilidade: o edifício material, as atitudes do padre no altar, os paramentos dele... Eu diria que tudo isso está na alma de mamãe também!’”.¹⁰

Todavia, as inspirações da graça levariam essa percepção ainda mais longe. Sua experiência sobrenatural, à maneira de um contato direto com a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, tocou de tal modo a sensibilidade, que o pequeno Plínio chegava a considerá-la como uma pessoa. Figura mística que ele criava para bem explicar aos demais o que se passava no fundo de seu coração:

“O que eu vou dizer é naturalmente o Divino Espírito Santo, mas quando se é pequeno não se diferencia bem: ficava-me a ideia de que a Igreja era uma instituição viva, com um espírito próprio, [...] andando e reagindo como se fosse uma pessoa ao longo da História, com todas as misericórdias da mãe, paciências da mãe, dignidades da mãe, *savoir-faire* da mãe, jeitos da mãe; é uma Igreja Mãe! [...] A Mãe mais aconchegada, mais íntima, mais bondosa, mais ‘perdoante’ que se possa imaginar; mas também a Rainha mais digna de louvor que se possa imaginar, e a guerreira virginal, *à la* Santa Joana d’Arc, capaz de todas as vitórias, sem perder a delicadeza feminina, com efetiva força, sobrepujando todos os marechais, inspiradora de todos os heróis!”.¹¹

Assim, ele concebeu uma ideia sublime e altíssima da Igreja, enquanto pináculo e modelo de toda a criação: “Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus havia algo arquetípico mais ou

menos esparso pelo ar, do qual estou certo de que era uma graça. Quer dizer, tudo o que eu via lá era arquétipo e ‘arquetipizado’”.¹² Com efeito, Deus concedeu copiosas graças a Plínio a fim de favorecer nele o senso das “arquetípias”, muito ligado à sua extraordinária vocação, mediante o qual seu espírito propendia, de contínuo, à operação psicológica de ver, além da realidade sensível, as imagens mais perfeitas de todas as coisas.

E não podia deixar de descobrir no cume da Igreja o Arquétipo de todos os arquétipos. Com efeito, a graça dos Sacramentos, o heroísmo dos mártires e dos Santos, a retidão da doutrina, o fulgor da Liturgia, e todos os demais esplendores do Corpo Místico, estão concentrados na Divina Cabeça. Dela transbordam aos membros, ornando a Igreja de luz, vida e grandeza.

Discernindo a mentalidade do Sagrado Coração de Jesus

Ao perceber a infinita superioridade do Coração de Jesus, analisando uma singela imagem d’Ele conservada no quarto de Da. Lucília, Plínio pôde contemplar a fonte da qual brotava a instituição nascida do flanco traspasado do Divino Crucificado. Era, de fato, uma imagem muito bonita, piedosa e tocante, diante da qual Plínio recebeu seu primeiro impulso para a oração, por diligência de Da. Lucília. As mães, em geral, fazem com que os filhos reconheçam seus pais, e é comum surgir nos lábios de uma criança que está se desenvolvendo a palavra *papai* ou *mamãe* antes de qualquer outra. Da. Lucília, porém, não agiu assim: ela instruiu as duas crianças, Plínio e sua irmã Rosée, a distinguir em primeiro lugar o Sagrado Coração de Jesus. Ao lhes perguntar “Onde está Jesus?”, eles imediatamente olhavam para a imagem e apontavam com o dedo.

“Em presença de Nosso Senhor Jesus Cristo, o que minha alma sentia, tendo a notícia d’Ele que pode ter uma criança? Qual era essa primeira cognição, e como era esse primeiro ato de adoração?”¹³ “Eu me lembro de mim mesmo [...] dizendo: ‘Afinal, como Ele é?’ [...] E maravilhado, achando que aquela imagem atendia as minhas aspirações e correspondia a tudo quanto eu reputava ser bom e direito, e ainda mais: punha horizontes e aspec-



Plínio aos 10 anos de idade

tos novos, com uma elevação extraordinária! Não só no que dizia respeito à coisa em si, mas tratando-me a mim paradigmaticamente como eu queria ser tratado. Quer dizer, o olhar que aquela imagem pousava em mim era o olhar por excelência, do qual eu gostaria que todos os olhares participassem. E Aquele era, com toda a realidade, meu Deus, Jesus Cristo, Filho de Maria, que nasceu em Belém!”¹⁴

Acostumado a analisar as almas e constituir uma ideia sobre as mentalidades, ele começava a imaginar como seriam os atos praticados pela Pessoa que discernia com impressionante acuidade:

“De modo instintivo eu examinava a fisionomia d’Ele, longamente, atentamente, meditadamente... o quanto pode caber na cabeça de uma criança. [...] E procurava me perguntar se os episódios da vida d’Ele condiziam com aquilo que eu imaginava da mentalidade d’Ele, e percebia que não só estavam de acordo, mas tomavam um realce extraordinário quando praticados por aquele Varão, com aquele rosto e com aquela atitude”.¹⁵



Acostumado a analisar as almas e constituir uma ideia sobre as mentalidades, ele começava a imaginar como seriam os atos praticados pela Pessoa que discernia com impressionante acuidade

*Analisando
uma singela
imagem d'Ele
conservada
no quarto de
Da. Lucília,
Plínio pôde
contemplar
a fonte da
qual brotava
a Igreja*

O Autor é levado a acreditar que muitos dos fatos da vida de Jesus descritos por Da. Lucília ao filho quando menino a tal ponto entravam a fundo em sua alma que, a partir da narrativa da mãe, ele chegou a construir para si uma noção de como devia ser Nosso Senhor. Não era, porém, uma ideia fruto da pura ascese, mas uma visão a respeito de Nosso Senhor que é a mais alta possível aqui na terra, porque provinha da ação do Espírito Santo através de singulares graças místicas.

*Amor à Igreja com
laivos de adoração*

À luz do dom de reversibilidade Plínio ia descobrindo na Igreja o desdobramento de todas as maravilhas contidas no Sagrado Coração de Jesus:

“Confusamente, eu percebia o seguinte: uma imagem é uma coisa muito bonita, mas não tem vida; e eu queria conhecê-Lo em estado vivo. [...] Comecei, então, a perceber que Ele vivo estava na Igreja!”¹⁶ E se perguntava: “Se Ele tivesse de fazer a Igreja, tê-la-ia feito como ela é?”. E chegava à conclusão de que sim, ela era por inteiro o que Ele devia fazer. Donde, então, uma confirmação da fé originária”.¹⁷

A partir de então nasceu nele um amor sempre crescente, de maneira que a Igreja foi sua paixão mais entranhada; amor puríssimo, desapegado; amor de escravidão que, entretanto, não o oprimia, mas lhe trazia liberdade!

“A Igreja Católica é para mim mais do que meu pai, mais do que minha mãe, mais do que minha vida, mais do que tudo que eu possa ter; a Igreja Católica, eu a amo com um amor tal que tem laivos de adoração! Porque ela é o Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo!”¹⁸

O Autor viu Dr. Plínio comovido até às lágrimas só por duas razões: em certos momen-



Imagem do Sagrado Coração
pertencente a Da. Lucília

Mário Shinoda

tos, pela recordação de Da. Lucília, sobretudo logo após seu passamento; e em outros, a propósito da Santa Igreja. Destes, os três mais marcantes foram, sem dúvida, os seguintes: quando, em fins da década de 1950, ele se retirou num pequeno cômodo da casa onde costumava se reunir com seus seguidores, e chorou longa e copiosamente, prevenido pelo discernimento dos espíritos as difíceis situações pelas quais a Igreja teria de passar; na Semana Santa de 1966, falando mais uma vez sobre os sofrimentos dela; e, por fim, em 7 de junho de 1978, aniversário de seu Batismo, ao ouvir a referência a ele enquanto sendo filho e fruto da Santa Igreja, “*vir catholicus, et totus apostolicus, et ‘totissimus’ romanus* – varão católico, todo apostólico, plenamente romano”. Esse elogio ar-

rebatava o seu coração, porque era o que mais lhe poderia causar honra, alegria e glória!

O choque com o mal

A primeira infância de Plínio havia sido um período de felicidade sem sombras. Chamado a uma especial contemplação da ordem do universo, desde o despertar da razão ele se voltara à consideração de tudo quanto via de bom e de belo e, pela proteção de Da. Lucília, desenvolveu a virtude da caridade na prática de constantes atos de admiração ao sublime, percebido de forma particular na Santa Igreja e no Sagrado Coração de Jesus. Ele imaginava, entretanto, que tal visualização era participada por todos aqueles com os quais convivia, e que tal situação se prolongaria por toda a sua existência.

Assim, havendo ele atingido a idade de dez anos, não fora ainda submetido ao fogo da provação. Faltava-lhe a noção completa da existência do mal.



João Paulo Rodrigues



Timothy Ring



Timothy Ring



Sérgio Miyazaki



Sérgio Miyazaki



Stephen Nami

Aspectos do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, frequentado por Dr. Plínio na infância

Enquanto assistia o espetáculo de brutalidade e desordem protagonizado pela massa de alunos febricitados, Plínio compreendeu o que antes jamais suspeitaria

Plínio estudava em casa desde muito pequeno, recebendo aulas da *Fräulein* Mathilde, governanta alemã a quem Da. Lucília confiara a missão de formar, sob sua orientação, seus filhos Rosée e Plínio. Esmero, firmeza e disciplina eram as notas distintivas de seu método germânico de educação.

Ora, alguns dos seus primos já haviam ingressado no Colégio São Luís, dos padres jesuítas,¹⁹ e insistiam para que ele também ali se inscrevesse. Plínio queria saber exatamente como era o ambiente do colégio e, então, conversava amiúde com seu primo Procópio,²⁰ um pouco mais velho do que ele, fazendo-lhe perguntas sobre o estabelecimento.

Porém, este menino era muito labioso e esperto, capaz de iludir as pessoas e convencê-las. Ele descreveu-lhe a realidade escolar como um jardim de delícias, todo feito para agradar o espírito maravilhoso de seu primo mais novo. Lá existiriam cerejeiras que davam frutos durante todo o ano, deliciosos e abundantes, ao alcance da mão...

Ludibriado por aquele mito, Plínio procurou seus pais e pediu-lhes com insistência para ser matriculado no São Luís, ao que Da. Lucília e Dr. João Paulo acederam. Todavia, no primeiro dia de aula teve uma surpresa já ao sair de casa, por verificar que seu primo não passara para apanhá-lo, como prometera, nem o esperava junto aos portões quando chegou conduzido pela *Fräulein*.

E qual não foi sua decepção ao procurar as cerejeiras e não as encontrar em nenhuma parte! Percebendo que havia sido enganado por Procópio, Plínio teve o primeiro desapontamento em sua nova vida, fato detonador de muitos outros: “Ele então se esqueceu de mim completamente, sem dar a menor importância à minha decepção... Permaneci isolado, [...] pensando nesse primo que eu achava tão bom e direito, a quem admirava com verdadeiro entusiasmo e ao qual queria como a um irmão: Alguma coisa não está certa... Como ele mente desse modo?”²¹

Contudo, o maior susto de Plínio seria na hora do recreio. Havendo saído das salas de aula em boa ordem e disciplina, os alunos formaram no pátio e, de repente, ao ouvir o apito de um dos mestres jesuítas, todos se dispersaram no estouro de uma debandada caótica. Era um tropel de meninos que corriam como horda de bárbaros, davam pontapés e derrubavam uns

aos outros, transpiravam e rolavam na poeira, em tremenda agitação e gritaria.

Para ele, presenciar essa cena foi um verdadeiro trauma. “Aqueles gritos me pareceram o sumo do que não deveria ser. [...] Era uma espécie de orgia de gasto de vitalidade, de intemperança e de falta de ordem. Um grande frenesi absorvia e dominava completamente os alunos, e os jogos se desenvolviam em meio à tensão nervosa e à superexcitação”.²² “Aquilo me parecia uma espécie de cidade do demônio, onde todos eram moleques, porcos, vulgares e sem fé”.²³

Diante de uma Revolução universal

Sozinho no pátio, enquanto assistia o espetáculo de brutalidade e desordem protagonizado pela massa de alunos febricitados, Plínio compreendeu o que antes jamais suspeitaria: “O mundo inteiro é como este colégio”. Sem ainda usar o termo nem definir seu significado, ele havia explicitado a existência da Revolução, e com ela acabava de ter seu primeiro choque. “Eu estava, portanto, diante de um movimento univer-



sal, organizado e coeso, com uma mentalidade única, a qual se exprimia sob várias formas e abrangia todos os assuntos. E esse movimento avançava com tanta expansão, segurança e força, que se tinha tornado irresistível [...]. Era o início da ideia da Revolução”.²⁴

Em certo momento Plínio completou o quadro: tudo quanto ele via de bom no universo tinha relação com o Sagrado Coração de Jesus, e a desordem existente no mundo se levantava contra Ele. De um lado estava Ele, como polo do bem; do outro se encontrava a mentalidade revolucionária, polo do mal, em revolta contra o Sagrado Coração de Jesus e sua Santa Igreja, tendo como aspecto mais saliente a impureza.

Afirmava ele: “Toda essa batalha que eu presenciava tinha como centro a Religião. Em última análise, quase tudo o que os meninos maus faziam, era proibido pela doutrina católica, e tudo aquilo de que eles caçoavam era mandado por ela”.²⁵

Sim, a partir de seu encontro com o mal, o enlevo de sua alma pelo bem, pela verdade e pelo belo se havia tornado manifesto e definido como

autêntico amor à Igreja. Em contrapartida, passava a ver o quanto esta era odiada e perseguida, e começava a contemplar nela, com encanto, outra característica para a qual ele possuía uma grande propensão: a combati-

vidade. “A Igreja me parecia um horto fortificado, cheio de maravilhas no interior, mas do lado de fora todo preparado, ajustado e assestado para o combate”.²⁶

Surgia assim em seu espírito a ideia de feitos heroicos empreendidos para o bem da Santa Igreja.

Era o nascedouro daquilo que mais tarde ele chamaria de Contra-Revolução, cuja única origem estava na adoração a Nosso Senhor Jesus Cristo, como ele o declarava ao narrar tal fase de sua vida: “Toda a luta da Contra-Revolução é uma defesa do que nós poderíamos chamar a mentalidade do Sagrado Coração de Jesus, contra a Revolução”.²⁷

A missão pessoal e o sonho de uma ordem de cavalaria

Nessa circunstância punha-se para ele um problema, que formulava para si mesmo com toda a clareza: “Diante de tal situação tenho duas alternativas: se eu seguir o caminho dos outros e me tornar semelhante a eles, farei carreira, terei uma vida tranquila, serei benquisto, elogiado e aceito, e inclusive receberei algo de glória no meio deles. Mas se eu for como tenho sido até agora e levar uma conduta à maneira de mamãe, serei um homem abandonado, perseguido, odiado e traído. O mundo inteiro se levantará contra mim para me esmagar, e serei o único a enfrentá-lo. Sofrerei a dor do isolamento, e a glória só virá mais tarde”.

Essa era a perspectiva apresentada a um menino de 11 anos, todo feito de afeto e doçura, digno filho de Da. Lucilia. Pois bem, depois de ter visto o mal até sua raiz mais profunda, ele soube arrancar dessa afetividade a intrepidez de um herói: “Aconteça comigo o que acontecer, eu serei contra esse mundo. Esse mundo e eu somos irreconciliavelmente inimigos. Serei a favor da pureza, da Igreja, da hierarquia e da compostura. Esses valores confundem-se comigo e com minha vida!”.²⁸



A partir de seu encontro com o mal, o enlevo de sua alma pelo bem, pela verdade e pelo belo se havia tornado manifesto e definido como autêntico amor à Igreja



Nas fotos: Fachada do Colégio São Luís no fim da década de 1910; Plínio na Congregação Mariana do colégio, em 1921; recreio e um grupo de alunos

*Era o
nascidouro
daquilo que
mais tarde
ele chamaria
de Contra-
-Revolução,
cuja única
origem estava
na adoração a
Nosso Senhor
Jesus Cristo*

Sem duvidar, ele reconhecia: “Eu adquiri a noção de haver nascido para inverter esse jogo de forças”.²⁹ Com essa visão claríssima a respeito do seu futuro e da grandeza de sua missão, nascia e concretizava-se a vocação de Plínio enquanto o varão providencial.

Foi nesse tempo que despontou em sua alma um desejo, verdadeiro sopro do Espírito Santo, que jamais morreria e seria o sonho de sua vida, enriquecido e aperfeiçoado com o passar dos anos e das décadas: um dia ele haveria de fundar uma ordem de cavalaria para combater pela causa do bem. Ele se sentia chamado a levar à sua mais alta e esplendorosa realização todos os valores que constituíram o ideal da cavalaria no passado, e tinha a ideia de uma obra que atravessasse os séculos e os milênios, defendendo a Igreja até o fim do mundo.

Previsão de um castigo universal

Certo dia, Plínio participava de uma aula de ginástica no Colégio São Luís. Segundo ele mesmo descreve, havia ali bonitos bambus, alinhados e elegantes, plantados com regra e simetria, sob os quais o chão era coberto de areias alvíssimas e muito puras. Os raios do sol rebrilhavam atrás do bambuzal e atravessavam a folhagem, deitando algumas réstias de luz que douravam partes do chão.

Ao contemplar aquela magnífica ordenação da natureza, ele ficou encantado e teve uma extraordinária sensação de disciplina, elevação e limpeza. Outro elemento vinha aumentar a beleza da cena: “De vez em quando, um padre andava pelo colégio silencioso, de rosário na mão, outro passava junto aos bambus, rezando o seu breviário, sossegado e tranquilo”.³⁰

Tudo aquilo era digno e composto, contrário à desordem que reinava quando ali se encontravam os meninos, em meio à correria e ao caos. Plínio viu, então, o contraste entre a ordem da natureza e da Igreja, tão de acordo com sua mãe, e de outro lado o mundo inteiro mergulhado no pecado.

Nesse instante sentiu a voz da graça em seu interior e disse para si mesmo, cheio de convicção: “A humanidade está perdida e caminha para uma hecatombe. Dia virá em que a ordenação existente na criação não suportará mais os pecados dos homens e se levantará para castigá-los. Em determinado momento, a natureza se aliará a mim e fará com que nos vingüemos desses pecados”.

Essa foi a primeira moção da graça a respeito de um futuro castigo universal e uma intervenção



Imagem do Santuário do Sagrado Coração de Jesus diante da qual Plínio rezava quando criança

da Providência, abalando a natureza, transformando a humanidade e implantando a ordem: “Entendi que esse desenlace não seria propriamente o fim dos tempos, mas iniciaria uma era em que os homens receberiam os últimos ensinamentos antes de a História terminar. E refleti: ‘O que agora existe de bom vai permanecer, mas essa época será muito melhor do que tudo isso, pois ela constituirá a réplica de Deus contra o mal. E a Igreja será a rainha!’”.³¹ Era um lampejo do Reino de Maria que brilhava em sua alma.

Ao narrar tais episódios Dr. Plínio não hesitava em reconhecer o aspecto sobrenatural do acontecido naquele dia: “Percebo com clareza que aqui-

lo foi, sobretudo, um fruto da graça, pois, para um menino daquela idade chegar a conclusões tão profundas, não bastavam os meros recursos da natureza. Inclusive sou propenso a aceitar que tenha havido uma ação de caráter místico”.³²

Nasce a devoção a Nossa Senhora

Havendo discernido a Alma de Nosso Senhor Jesus Cristo ao contemplar a imagem do Sagrado Coração de Jesus, Plínio tivera uma extraordinária atração pela Pessoa d’Ele.

Possuía ele devoção a Nossa Senhora? Sem dúvida, e o incentivo materno nesse sentido jamais faltara, mas existia a esse respeito algo que ele não compreendia bem, surgindo uma interrogação em seu espírito: “Sentia uma espécie de reticência, não com Nossa Senhora, mas com a devoção que Lhe era tributada, e uma vez ou outra me perguntava se não seria um tanto exagerada, pois poderia afastar as almas da adoração ao arquétipo humano que era Nosso Senhor Jesus Cristo”.³³

Ora, faltava a Plínio uma experiência mística de amor e bondade para compreender a San-

tíssima Virgem por inteiro em seu papel de Mediadora junto a Nosso Senhor, e ter sua alma conquistada por Ela. Tal benefício lhe estava reservado para a hora exata, aos 11 anos de idade, no momento de uma terrível aflição.

Repreensão e ameaça de Da. Lucília

Certa ocasião Plínio recebeu nota seis de comportamento em geografia. Sendo sua conduta irrepreensível na sala de aula, tal qualificação constituía um equívoco e uma injustiça, e ele bem sabia qual seria a reação de Da. Lucília ao deparar-se com aquela nota no boletim. Ele não teve dúvida: sem refletir sobre as consequências de seu ato, decidiu alterar a anotação, corrigindo o erro e escrevendo por cima do seis a nota à qual julgava ter direito: dez. O resultado, porém, foi uma lamentável borradela, e a autoria da nova qualificação saltava aos olhos de quem a visse...

Ocorreu-lhe outra ideia: saiu ao pátio do colégio com seu boletim e tentou molhar a página em questão com a chuva que caía abundante, a fim de apagar os sinais da modificação operada, mas o efeito foi ainda pior! Era um boletim inapresentável o que ele entregou nas mãos maternas, quando chegou a casa.

Apesar de tão afetuosa e carinhosa, Da. Lucília primava pelo zelo no cumprimento dos deveres por parte de seus filhos e, em sua retidão, indagou-o sobre o acontecido. Ao ouvir a explicação de Plínio, incapaz de mentir à própria mãe, exclamou:

— Então, um filho meu é falsário?

Era a recriminação mais forte que recebera de Da. Lucília, segundo ele afirmava. Da. Lucília ameaçou:

Dr. João Paulo iria ao colégio na segunda-feira a fim de verificar o acontecido. Esta cena se desenrolou no sábado à tarde; se fosse comprovado que ele havia praticado alguma ação repreensível na sala de aula, ela o mandaria como aluno interno ao Colégio Caraça, em Minas Gerais, durante um ano.

Após retirar-se da presença de Da. Lucília sem receber dela o ósculo de costume, Plínio se viu num mar de angústia, afligido até o cerne de sua alma: temia muito ser mandado para lugar tão inóspito, mas, sobretudo, o feria a hipótese de viver longe de sua mãe. Aquela perspecti-



Após retirar-se da presença de Da. Lucília sem receber dela o ósculo de costume, Plínio se viu num mar de angústia, afligido até o cerne de sua alma



O Colégio Caraça na década de 1920. Acima, vista geral do prédio; embaixo, os alunos internos

“Sentia-me pavorosamente fraco e débil. Sem ter propriamente momentos de desânimo, pareciam faltar-me as energias para a luta”

va era para ele um verdadeiro tormento: “Sentia-me expulso daquele paraíso de sabedoria e de carinho que era a minha união com ela”.³⁴

Por outro lado, ele se encontrava nesses dias em renhido combate, assaltado por tremendas tentações contra a castidade, virtude que ele tanto amava e não desejava perder por nenhum preço. Narrava ele: “Sentia-me [em matéria de pureza] pavorosamente fraco e débil. Sem ter propriamente momentos de desânimo, pareciam faltar-me as energias para a luta”.³⁵

“Salvai-me, Rainha!”

No domingo de manhã Plínio saiu de casa muito cedo e dirigiu-se ao Santuário do Sagrado Coração de Jesus para a Missa. Ao entrar na igreja, não havendo lugar livre nos bancos da nave central, ele permaneceu à direita, no fundo. Por coincidência, dali se via à distância uma imagem branca de Nossa Senhora Auxiliadora. Na sua aflição, Plínio começou a rezar uma das orações que sabia de memória: a Salve Rainha. Ora, sem conhecer o significado da saudação latina *salve*, para ele o sentido da prece era “Salvai-me! Salvai-me, porque minha situação é terrível!”.

Ao pronunciar as palavras “Mãe de misericórdia”, sentiu-se olhado com imensa maternalidade

e teve em seu interior uma impressão de apoio e amparo, reconhecendo imediatamente quem era Aquela à qual se dirigia: a Mãe das mães, misericordiosa em extremo, a tábua de salvação! Numa intuição rápida, pensou: “A bondade d’Ela é muito superior à de mamãe! Esta é a Mãe da minha mãe, o suprassumo do que ela é, a arqui-Mãe!”.

Nesse momento, a imagem da Santíssima Virgem parecia sorrir-lhe, cheia de carinho. Tocado no fundo da alma por uma graça mística, ele experimentou em si o amor de Nossa Senhora e o quanto estava Ela disposta a perdoá-lo, reconduzi-lo ao bom caminho, dar-lhe forças e fazer por ele o inimaginável. Plínio também recebeu a confirmação de que perseveraria na fidelidade e na virtude, apesar de sua fraqueza, pois Ela o manteria.

Plínio retornou com o coração transbordante. O domingo transcorreu para ele em plena paz e, no dia seguinte, Dr. João Paulo verificou a realidade do ocorrido com a nota de geografia: tratava-se de um erro de transcrição, pois, de fato, Plínio havia merecido e obtido dez em comportamento. Tudo voltou à normalidade. Entretanto, ele mesmo afirmava que tal solução havia sido a menor das vantagens alcançadas naquela circunstância.

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 9 maio 1987.

² Idem, *ibidem*.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 13 maio 1994.

⁴ PHILIPON, OP, Marie-Michel. *Les sacrements dans la vie chrétienne*. Bruges: Desclée de Brouwer, 1956, p.99.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 20 jun. 1980.

⁶ É muito elucidativa a afirmação do Pe. Garrigou-Lagrange sobre a origem dessas experiências sobrenaturais: “Esse conhecimento quase experimental de Deus presente em nós deriva da fé iluminada pelos dons de entendimento e sabedoria, que são conexos com a caridade” (GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *Les trois âges de la vie intérieure: prélude de celle du ciel*. Paris: Du Cerf, 1955, t.I, p.137-138).

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2008, v.I, p.65.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 20 abr. 1977.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Crepúsculo suave de uma nobre vida. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano II. N.13 (Abr., 1999); p.20.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 11 out. 1980.

¹¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 4 jun. 1982.

¹² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 5 out. 1985.

¹³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 12 abr. 1989.

¹⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 18 mar. 1988.

¹⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 9 jun. 1984.

¹⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 18 mar. 1988.

¹⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 9 jun. 1984.

¹⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 29 out. 1961.

¹⁹ Aberto em São Paulo no ano de 1918 e localizado na Avenida Paulista.

²⁰ Procópio Ribeiro dos Santos, apelidado *Pinho*, filho de Dr. Gabriel, irmão de Da. Lucília.

²¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2010, v.II, p.34.

²² Idem, p.30.

O início de um relacionamento filial com Nossa Senhora

Acima de tudo, Plínio recebera uma insigne graça a respeito de Nossa Senhora, e com esse episódio se iniciava sua devoção a Ela, num relacionamento que deveria crescer cada vez mais ao longo da vida: “Minha devoção a Ela, entranhada, filial e fervorosa, começou nessa ocasião e eu a devo a mamãe, cuja severidade me atirou nos braços de Nossa Senhora. [...] A partir desse dia, Ela estabeleceu comigo uma relação de bondade e eu jamais perdi a confiança n’Ela. Fiquei calmo para a vida inteira, pois, fosse o que fosse, uma vez que me sentia envolvido por essa misericórdia, podia descansar”.³⁶

O Autor tem a forte impressão de que, no momento do intercâmbio de olhares de Plínio com Nossa Senhora Auxiliadora, deu-se também algum fenômeno místico análogo à troca de corações, todo relacionado com a vontade, pelo qual ele parece ter-se entregado a Maria Santíssima. E amando-A dessa forma, sua alma mudou, tornando-se semelhante a Ela, enquanto a Mãe de Deus teria se apropriado da vontade do menino que a Ela recorria, para realizar seus grandes desígnios a respeito dele e de sua missão futura. ✧

²³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, [s.d.].

²⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, *Notas Autobiográficas*, op. cit., v.II, p.523.

²⁵ Idem, p.526-527.

²⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 14 abr. 1989.

²⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 26 nov. 1985.

²⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 1954.

²⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, *Notas Autobiográficas*, op. cit., v.II, p.537.

³⁰ Idem, p.542.

³¹ Idem, p.544-545.

³² Idem, p.545.

³³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2012, v.III, p.159.

³⁴ Idem, p.182.

³⁵ Idem, p.208.

³⁶ Idem, p.207.



“A partir daquele dia, Nossa Senhora estabeleceu comigo uma relação de bondade e eu jamais perdi a confiança n’Ela”

Stephen Nami

Imagem de Maria Auxiliadora - Santuário do Sagrado Coração de Jesus, São Paulo

Adolescência marcada pela luta

Ao entrar na adolescência, Plínio enfrentaria suas primeiras batalhas espirituais para perseverar na prática da virtude, diante das tentações próprias à idade e da brilhante carreira que se abria diante de si.

No segundo volume da obra são ressaltados os aspectos mais salientes das lutas que marcaram a adolescência e juventude de Dr. Plínio, período no qual seu dom de sabedoria enriqueceu-se com um caráter ainda mais combativo, e sua fé multiplicada pela fé manifestou-se na disposição de transpor qualquer obstáculo para que o mal fosse derrotado.

Ao preparar seus mais jovens discípulos para enfrentar a vida, Dr. Plínio costumava ensinar que certos problemas, quando se apresentam, se não forem superados à luz do ensinamento da Santa Igreja Católica voltarão em todas as épocas da existência de modo cada vez mais trágico e insolúvel. Entre estes destacam-se aqueles que surgem com a puberdade, particularmente no que diz respeito à angélica virtude da pureza. Será esclarecedor conhecer como o jovem Plínio resistiu e venceu as viscosas solicitações da carne, arrostando as adversidades com toda a determinação.

Uma verdade apresentada sob uma falsa luz

Tinha Plínio apenas nove ou dez anos quando, mesmo antes de sua entrada no Colégio São Luís, um primo mais velho e outros companheiros de infância revelaram-lhe, de forma maliciosa, assuntos relativos à vida matrimonial que

devem ser tratados com toda a delicadeza e prudência. Ele logo percebeu o que havia de repugnante nisso pois, como diria mais tarde, “tal era a impiedade a lhes escorrer pela boca como uma saliva imunda, que no meu juízo eles iriam mentir. [...] De fato, as palavras deles eram de mentira, embora me dissessem a verdade, por apresentarem essa verdade sob uma falsa luz”.¹

Para Plínio, isso significou um choque tremendo pois, em sua simplicidade e candura, seu conceito da virtude parecia ter desabado, não passando de uma bela fachada para ocultar as misérias de uma humanidade ignóbil e hipócrita. Pior ainda, aqueles meninos sabiam bem que o tema tratado permaneceria na sua memória e, portanto, voltaria com a fortíssima atração que lhe é própria. Deste modo, era-lhe oferecido “dentro de uma taça asquerosa, um prazer porco, mas agradável e até inebriante: ‘Plínio, beba-o!’”.²

Todavia, a retidão de juízo decorrente do dom de sabedoria permitiu a Plínio tomar a atitude mais perfeita exigida no momento: de forma peremptória e com indignação, rejeitou ele o estado de espírito daqueles que depois qualificaria com precisão como apóstolos da impureza, pois percebia quanto a aceitação desse convite o levaria a romper com algo que não era capaz de definir, mas cujo efeito seria “apagar

A dificuldade não consistiria tão só no resistir à atração interna do pecado, e sim nas consequências que esta deliberação lhe acarretaria



com pedradas uma série de luzes”³ que sentia acesas dentro de si. Eram, segundo sua expressão, “as luzes da inocência”.⁴

Firme resolução de resistir

Encerrado este episódio dramático, durante certo período ninguém voltou a levantar-lhe o desagradável assunto, que ficou posto de lado. Mais adiante, Plínio foi procurar esclarecimento onde melhor o poderia receber: dos lábios de um ministro da Santa Igreja. Um padre jesuíta explicou-lhe de modo conveniente à sua idade a doutrina católica a respeito da excelência da virgindade e da honestidade da união matrimonial.

Elucidada a questão doutrinária, tratava-se de, na prática, não ceder em nada, sobretudo porque no contexto em que ele vivia as tentações chegavam com grande violência e com facilidade fariam soçobrar a nave de sua alma, como ele relataria: “A batalha foi penosa. Não quero dar de mim mesmo a ideia ilusória de um jovem angélico, que nunca teve a baixeza de sentir os estímulos da carne. Não me foi fácil preservar a virgindade! Eu, tão pacífico e tão calmo, via em meu caminho uma fenomenal luta que parecia não acabar mais, para manter o estado de graça. Que enorme e pavorosa dificuldade! Mas tinha a firme resolução de resistir, custasse o que custasse”.⁵

Esta determinação era árdua, pois, além do aguilhão da própria concupiscência, ele presenciava a cada instante todos os seus companheiros e familiares, ao tomar como ele conhecimento da matéria, sucumbirem às solicitações do pecado e mudarem logo de mentalidade. Fixados esses meninos no desprezo à Lei de Deus, Plínio, por sua fidelidade, ia ficando cada vez mais excluído de seu ambiente.

O parapeito que resguardava Dr. Plínio do abismo

A dificuldade não consistiria tão só no resistir à atração interna do pecado, e sim nas consequências que esta deliberação lhe acarretaria ao entrar nas perigosas galas da sociedade paulista. Se ele não soubesse conduzir-se com prudência na conservação de sua pureza, um manto de repulsa cairia sobre ele como a lhe dizer: “Você vai ficar um cretino, vai ser um estúpido, todo mundo vai rir de você”.⁶

Imolar-se estando sujeito ao desprezo geral é um verdadeiro holocausto. Plínio estava pronto



Da. Lucilia em meados da década de 1920

para suportá-lo por amor a Deus. Contudo, como ele vislumbrava em sua vocação o aspecto de homem público, se isto acontecesse “nunca poderia fazer nada pela Igreja, porque um homem desmoralizado e de quem todo o mundo dá risada é um homem que nunca poderá liderar nada, jamais poderá aparecer, ficará à margem de tudo. [...] Quer dizer, uma perseguição se colaria em mim até o fim de meus dias”,⁷ concluía.

Essa situação dramática duraria até seu ingresso no Movimento Católico, e constituiu uma fase de provações tremendas. Nesse período o papel de Da. Lucilia foi decisivo para sua perseverança: “Ela era o parapeito que me resguardava do abismo, era o muro que me separava das regiões obscuras e nefandas do meu próprio ser, e era, portanto, a minha própria defesa”.⁸

“Como é bela a inocência!”

No fim da adolescência a vitória sobre a impureza era total, e a luz da inocência de Plínio resplandecia ainda com maior fulgor, como o ouro purificado no cadinho da provação. Em circunstâncias surpreendentes, tal luz brilhou inclusive aos olhos de alguém submergido de modo indigno no vício oposto.

Quando Plínio concluiu o ciclo secundário, dedicou o ano de 1925 a preparar os exames escola-

“Ela era o parapeito que me resguardava do abismo, era o muro que me separava das regiões obscuras e nefandas do meu próprio ser”

Desoladora era a situação em que Plínio se encontrava, sozinho para enfrentar a luta contra a impiedade que dominava o ambiente

res do Estado, prévios ao curso universitário, pois ele havia frequentado uma escola privada e, segundo a legislação da época, devia prestá-los se queria ter seus estudos oficialmente reconhecidos.

Para esse fim, escolheu a cidade de Ribeirão Preto. Lá, por diversos imprevistos, teve de hospedar-se num hotel, junto com um rapaz paulista, conhecido seu, de costumes licenciosos. Chegada a noite, Plínio recolheu-se cedo, mas um temor o assaltava: seu companheiro de quarto não aparecia, provavelmente por estar em maus lugares. E ele bem poderia apresentar-se ali em péssima companhia... o que de fato aconteceu.

Já era tarde quando um vozerio vindo do corredor despertou Plínio. Logo percebeu que alguém se aproximava... eram passos de duas pessoas e na conversa distinguiu uma voz feminina. Seu conhecido e uma mulher de má vida ali ingressariam, decerto com intenções indecentes em relação a ele. Como sairia incólume dessa situação? Se fosse preciso, haveria de brigar! Encomendou-se a Nossa Senhora e resolveu fingir um sono profundo.

Ao entrarem no quarto, acercaram-se da cabeceira da cama, pois a mulher manifestou o desejo de vê-lo de perto. Parecia quase chegada a hora de intervir quando, de repente, ela exclamou com pronunciado sotaque luso:

— Veja como ele dorme!... Como é bela a pureza! Como é bela a inocência! Como dorme a inocência!

E, não ousando ofender aquele contra quem pouco antes dirigia seus maus propósitos, preferiu abandonar o aposento sem deixar de repetir pelo corredor esse testemunho que, embora viesse do fundo da lama, era franco e certo.

O Congresso da Mocidade Católica

Tendo-se inscrito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, desoladora era a situação em que Plínio se encontrava, sozinho para enfrentar a luta contra a impiedade que dominava o ambiente. “O meu isolamento era muito grande e era penoso, pois eu não tinha um amigo que pensasse como eu”.⁹ Longe estava de suspeitar que logo se depararia com aquilo que procurava, e seu heroísmo seria premiado.

Em setembro de 1928, passando pela Praça do Patriarca,¹⁰ Plínio viu uma faixa que tomava todo o exterior da Igreja de Santo Antônio, anunciando o Congresso da Mocidade Católica.

O que ele sentiu nesse momento? Ficou maravilhado, como se lhe caísse um pedaço dos Céus nas mãos! “Tive a impressão de me haver aparecido um Anjo!”.¹¹ Juventude católica? Ele jamais imaginara que existisse algo semelhante! Acreditava sinceramente ser o último jovem católico em São Paulo! No dia seguinte dirigiu-se ao secretariado do congresso e alistou-se, movido por forte esperança.

No Congresso da Mocidade Católica, Plínio foi informado, com grande surpresa de sua parte, da pujança das Congregações Marianas, ponta de lança do fervor católico entre os leigos de São Paulo. E, ainda durante o congresso, resolveu nelas alistar-se. Assim Plínio entrou para o Movimento Católico. Desfazia-se de repente aquele aflitivo isolamento que havia transformado a sua existência num terrível deserto, raiava para ele uma aurora de esperanças, e seus desejos e anseios poderiam, afinal, realizar-se!

Mais tarde ele mesmo explicaria o que sentiu nessa ocasião e o cântico de exultação a jorrar de sua alma: “Seria como um cruzado que empreende a viagem, mas não conhece o caminho. Erra por muitos lugares, sem chegar a entender qual seja o sulco a seguir. Em determinado momento, avista uma estrada e exclama: ‘É por lá que eu chego até o mar, onde estão as naus que me levarão à Terra Santa!’. Isso deu-se comigo. E pensei: ‘Daqui para a frente, irei para minha Jerusalém! Batalharei



Dr. Plínio (em destaque) entre os formandos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, no ano de 1930

com força, mas a via está encontrada: esta é minha luta contra a Revolução. Agora é só viver e lutar!”¹²

Rompimento com o mundo: a Via-Sacra do desafio

Plínio sabia, entretanto, que em seu círculo social nada havia de mais ridículo para um jovem do que ser católico praticante. Ao cabo de pouco tempo, seria de fato desconsiderado pela opinião mundana, mas encontrava-se plenamente decidido na sua renúncia a tudo quanto pudesse significar prestígio terreno. Porém, apesar de tão ardoroso propósito de fidelidade, enganar-se-ia quem julgasse tratar-se de uma vitória fácil.

Reconhecendo em si a fraqueza inerente a todo homem e temendo não possuir a coragem necessária para enfrentar as consequências que sua determinação acarretaria, tomou ele uma resolução heroica: desmascarar-se. De que modo? “Romper com tudo de uma vez e declarar-me congregado mariano, católico apostólico romano, aos olhos de todo o mundo, dando um passo que não me permitisse voltar atrás”¹³

Longe de evitar a explosão do escândalo, Plínio faria tudo para causá-la, e escolheria cuidadosamente a ocasião e o cenário da grande ruptura.

No domingo, às dez horas da manhã, iniciava-se na Igreja de Santa Cecília a assim chamada “Missa elegante”, por ser a mais frequentada pelas famílias dos bairros Campos Elíseos, Higienópolis e proximidades, todas conhecidas entre si. A alta sociedade de São Paulo enche o pequeno templo.

Já havendo assistido à Santa Missa naquele dia, Plínio volta à igreja e, pouco antes da entrada do celebrante, posta-se numa das naves laterais, frente à primeira estação da Via-Sacra. Traz em suas mãos um pequeno devocionário e começa a percorrer os passos da Paixão, acompanhando a prece não apenas com ostensivos sinais da



Concentração de congregados marianos e filhas de Maria na Praça da Sé, São Paulo, na década de 1930



ACMSP (PF-04-01-30)

Cruz, mas também com aquilo que sequer as senhoras mais devotas se atreveriam a fazer em público: ajoelha-se diante de cada estação.

A cena é inacreditável, mas era esse o efeito desejado por Plínio. Sua virtude nessa ocasião alcançou, sem dúvida, o cume da audácia:

“A dificuldade em romper era tão grande, que me sentia transpirando da cabeça aos pés, embora por natureza não seja dado a isso. Sabia que em tal banco estava esse, aquela, aquela outra e aquele outro... E sabia qual seria o comentário de cada um”¹⁴ E nem mesmo a respeito de sua família ele alimentava ilusões, pois já previa o estupor que reinaria entre seus parentes ao receberem notícias do acontecido.

Consolações e provas

“Tendo entrado agora no Movimento Católico e rompido com o mundanismo, voarei em direção à realização dos meus ideais, como uma águia voa para o alto da montanha!”¹⁵ é o que pensava Plínio, conforme comentou mais tarde, em narrações sobre sua juventude.

Com efeito, na primeira etapa de uma vocação especial o Espírito Santo sustenta a alma com graças sensíveis, fazendo-a experimentar alegrias e júbilos interiores para lhe indicar o caminho a seguir e alimentar a expectativa do prêmio que receberá ao fim. Foi com essa alegria que Plínio iniciou sua militância na Congregação Mariana.

“A via está encontrada: esta é minha luta contra a Revolução. Agora é só viver e lutar!”

“Eu tinha a certeza interior de possuir a missão de restaurar a Civilização Cristã, a boa ordem católica das coisas”

Essa brisa de consolação, porém, seria seguida da mais terrível provação de toda a existência de Plínio até aquele momento: “Foi uma prova tremenda, não contra a fé nem contra a caridade, graças a Deus, mas contra a esperança e a virtude da confiança”.¹⁶

É impossível, no exíguo espaço desta edição, dar todos os detalhes desse drama espiritual, que mostrou o altíssimo grau de virtude atingido por Plínio em sua juventude, assim como a delicadeza de sua consciência, própria de um grande Santo. Em síntese, pode-se dizer que certos escrúpulos relativos à sua total adesão à infalibilidade pontifícia e à fé na historicidade dos Evangelhos degeneraram num período de seis meses de tribulação, em que a hipótese de estar fora da Igreja o enchia de apreensão e de pavor, por preferir mil vezes morrer a ser expulso do regaço dela.

Finalmente, depois de receber uma graça mística insigne ao contemplar a elevação do cálice durante uma celebração do Santo Sacrifício, encerrou-se o período da provação contra a esperança. Movido por moções interiores, Plínio procurou um confessor, que lhe esclareceu seu caso de consciência com sabedoria e simplicidade. Iniciava-se uma nova fase, também de seis meses aproximadamente, durante a qual ele receberia verdadeiras chuvas de graças e passaria os dias mais deliciosos da vida.

A vida de Santa Teresinha

Nessa época chegou às suas mãos um livro cujo título lhe atraiu a atenção: *História de uma alma*, a autobiografia de Santa Teresinha do Menino Jesus, canonizada havia pouco.¹⁷ Começou imediatamente a leitura, tomando logo uma resolução explícita: “Eu quero ser santo!”.

Nessa leitura, Plínio passou a ver o bem incalculável que uma alma pode fazer à Igreja ao se oferecer como vítima expiatória. Ora, ele sentia o chamado da Providência para a realização de uma grande obra, que só mais tarde



Dr. Plínio trajando beca, por ocasião de sua formatura na Faculdade de Direito

soube explicar: “Eu tinha a certeza interior de possuir a missão de restaurar a Civilização Cristã, a boa ordem católica das coisas. E sabia que, se agisse bem, cumpriria essa missão”.¹⁸ Agora, porém, ao conhecer a imolação feita por Santa Teresinha, vislumbrava o valor de uma vida transcorrida na aridez e no sacrifício.

Ele se convenceu de ser essa via de dores e provações a oração mais agradável a Deus, e d’Ele poder obter os maiores benefícios, por mais se assemelhar ao holocausto de Nosso Senhor Jesus Cristo em sua Paixão.

E também se ofereceu: “Se for vossa vontade receber-me como vítima, Vós me levareis. Se, pelo contrário, quiserdes que eu permaneça aqui, permaneceréi, confiando-me aos vossos cuidados. Depende de Vós. Faça-se em mim segundo a vossa palavra (cf. Lc 1, 38)”. Este oferecimento, por ele renovado diariamente, foi colhido aos poucos, ao longo dos oitenta e sete anos de sua vida. Bem pode ser ele considerado um verdadeiro martírio, cujos frutos ainda hoje vicejam no seio da Santa Igreja.

O “Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem”

Plínio havia adquirido o costume de rezar a Santa Teresinha do Menino Jesus. Assim, desejando atingir um novo patamar nas vias da santidade, resolveu iniciar uma novena a ela. Pediria a sua intercessão para obter duas graças, das quais sentia muita necessidade.

Em primeiro lugar, que lhe indicasse de forma clara qual era o meio de avançar com vigor na devoção a Nossa Senhora. A segunda intenção era muito diferente. Plínio estava em difícil situação financeira. Por isso, tendo ouvido contar que iria correr em São Paulo uma loteria, pedia também a Santa Teresinha a graça de ganhá-la. Não desejava propriamente tornar-se rico, mas sim poder se dedicar por inteiro ao apostolado.

A novena estava em seus últimos dias quando Plínio, folheando alguns volumes na livraria dos cordimarianos, teve sua atenção atraída por um escrito do então Bem-aventurado Luís Maria Grignon de Montfort: o *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*. Após uma breve hesitação, resolveu comprá-lo. Narrando o episódio mais tarde, ele afirmaria: “Eu não percebia que Santa Teresinha estava guiando o meu braço”.¹⁹

Ao ler as páginas do *Tratado*, Plínio tomou-se de entusiasmo e, sem perder uma letra, “de aclamação em aclamação”,²⁰ ia concluindo ser a obra de São Luís Grignon incomparável, portentosa e baseada na melhor teologia; aprofundava ela com largueza a doutrina sobre Maria Santíssima, de maneira a dar elevadíssima noção do papel d’Ela na ordem do universo. Recordaria Dr. Plínio: “Durante a leitura, eu às vezes parava e dizia: ‘Parece que esse homem está falando! Ele morreu há séculos, mas eu julgo sentir o impulso, a propulsão da alma dele no que ele diz aqui!’”.²¹ Ao lê-lo, foi aprendendo na concordância eufórica de sua alma. Nunca pensou poder um livro exercer sobre alguém o efeito que aquele produziu sobre si. E ponderou: “Encontrei o livro de minha vida!”.²²

Entusiasmo pelo Reino de Maria

Ao longo dos dias subsequentes, a leitura do *Tratado* foi se tornando um verdadeiro estudo, sério e profundo: “Minha alma saiu dessa leitura guarnecida por uma porção de ideias, de noções, de doutrinas, etc., que seria um não mais acabar, se as fosse contar todas”.²³

Porém, seu entusiasmo foi ainda maior ao fazer outra descoberta nas páginas que se sucediam diante dos olhos, segundo ele próprio narraria: “[Eram] labaredas sobre um assunto de que nunca ouvira ninguém tratar, mas me interessava no mais alto grau: o Reino de Maria. Logo percebi que esse Reino era a

meta para a qual minha alma voava!”.²⁴ Entendeu ele que São Luís Grignon se referia, acima de tudo, ao governo de Nossa Senhora, Rainha dos Corações, sobre as mentalidades de todos os homens. Mas notou também que o autor do *Tratado* previa uma era histórica na qual a face da terra seria renovada e reformada pela Santa Igreja, e em que Maria Santíssima seria reconhecida universalmente como Soberana.

A primazia da vida interior

No início da década de 1930, mais de dois anos após seu ingresso nas Congregações Marianas, Dr. Plínio havia feito grandes progressos na vida espiritual. Entretanto, perguntava-se quais passos sua vocação agora lhe exigiria. Assim refletindo, decidiu explorar a pequena biblioteca de sua avó, à procura de alguma obra cuja leitura o ajudasse. Ao abrir a estante, deparou-se com um volume escrito em francês, por um autor cujo nome lhe parecia cheio de ressonâncias: *Dom Jean-Baptiste Chautard, trapiste, abbé de Sept-Fons*.²⁵

O efeito foi imediato: “Comecei a ler e percebi que um céu se abria para mim!”.²⁶ E percorreu as páginas de *A alma de todo apostolado* com comoção, entendendo haver encontrado uma das obras que constituiriam doravante a base de sua espiritualidade.

Foi a partir de tal leitura que Dr. Plínio fixou em sua rotina certos hábitos de devoção que observaria até o fim de seus dias: “No livro de Dom Chautard, as verdades sobre o papel da oração e da vida interior prevalecendo sobre as obras vinham expostas de modo magnífico! Era teologia da melhor e reforçou em mim a tendência e a preocupação pela oração. Foi então que comecei a comungar e a rezar o Rosário diariamente”.²⁷

Outro aspecto de enorme importância nas determinações tomadas por Dr. Plínio com a leitura de *A alma de todo apostolado* foi a descoberta da humildade, matéria na qual



O efeito daquela leitura foi imediato: “Comecei a ler e percebi que um céu se abria para mim!”



D. Jean-Baptiste Chautard, abade de Sept-Fons e autor do livro “A alma de todo apostolado”

Restava uma incógnita. Quais seriam, na prática, o prestígio e a força da Igreja nas urnas?

sua luta seria árdua. De fato, para conquistar plenamente essa virtude ele deveria eliminar um primeiro obstáculo, imposto pela piedade adocicada reinante em certos ambientes católicos, segundo a qual o varão humilde era, por excelência, aquele que se apagava, se escondia e se calava, evitando qualquer atitude de ufanía ou de combatividade contra quem quer que fosse. No entanto, a própria obra do abade de Sept-Fons lhe oferecia a fórmula ideal para a solução de tal problema. Dr. Plínio a entendeu de imediato e muitas vezes a repetiria ao longo de sua vida: “A humildade é fundamentalmente a virtude pela qual não procuramos atribuir a nós aquilo que pertence a Deus. Portanto, se convertemos alguém devemos entender que foi Deus, presente em nós, quem o fez”.²⁸

A prática dessa virtude seria indispensável para a fidelidade de Dr. Plínio ao adentrar a via de glória que se abriria diante dele.

É fundada a Liga Eleitoral Católica

Naqueles primeiros anos da década de 1930, Dr. Plínio teve conhecimento da existência de um organismo eleitoral católico ligado à política francesa, cujo objetivo consistia em apontar aos fiéis quais eram os candidatos aos cargos públicos que se comprometiam a lutar pelas reivindicações da Igreja. A fórmula encantou-o, pois vinha ao encontro da ideia de aproveitar-se da surpreendente expansão do Movimento Católico no Brasil para alterar o laicismo reinan-

te. Dr. Plínio escreveu ao Dr. Alceu Amoroso Lima,²⁹ líder da Mocidade Católica no Rio de Janeiro e homem de confiança do Arcebispo, o Cardeal Sebastião Leme,³⁰ propondo-lhe o plano da fundação de um organismo eleitoral destinado a favorecer os interesses da Igreja no terreno da política e orientar o voto católico.

Acolhida com entusiasmo, a sugestão não tardou a se tornar realidade: em pouco tempo estava preparada a constituição da Liga Eleitoral Católica (LEC), com estatutos redigidos pelo próprio Dr. Plínio, a qual atuaria por meio de juntas diocesanas em todo o Brasil. Dr. Plínio foi escolhido pelo Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva,³¹ como secretário estadual da LEC, pois era “a única pessoa em que confiava para o êxito da Liga”.³²

Foi desse modo que Dr. Plínio adentrou a carreira política. Escolhido também pela autoridade eclesiástica, ao serem convocadas as eleições para uma Assembleia Nacional Constituinte recebeu a comunicação de que deveria candidatar-se a deputado federal e imediatamente obedeceu.

O deputado mais jovem e mais votado do Brasil

Restava uma incógnita. Quais seriam, na prática, o prestígio e a força da Igreja nas urnas? Uma convicção, porém, era firme em seu espírito: entre os candidatos indicados pela LEC, era ele o único militante na força do termo, decidido a lutar pelas reivindicações católicas à cus-

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 24 jul. 1982.

² Idem, *ibidem*.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 27 ago. 1981.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2012, v.III, p.138.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 9 dez. 1973.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 22 nov. 1990.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 9 mar. 1972.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 22 jul. 1988.

¹⁰ No centro de São Paulo.

¹¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 15 jul. 1987.

¹² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 13 maio 1989.

¹³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 19 jun. 1992.

¹⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 27 out. 1975.

¹⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 20 dez. 1987.

¹⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 26 mar. 1988.

¹⁷ Santa Teresinha do Menino Jesus foi canonizada pelo Papa Pio XI, no dia 17 de maio de 1925.

¹⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 16 jul. 1994.

¹⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 15 abr. 1989.

²⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 5 fev. 1988.

²¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 24 jan. 1979.

²² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 9 set. 1980.

²³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 15 abr. 1989.



Dr. Plínio em meados de 1933, recém-eleito deputado

ta de qualquer sacrifício. Portanto, era para ele uma obrigação imperiosa trabalhar com todo o empenho com vistas à própria eleição. Lançou-se então à campanha.

Por fim chegou a data do pleito: 3 de maio de 1933.

Nos dias subsequentes, de todas as partes do estado crepitava a informação, anunciada pelos jornais e repetida pelo público: “Plínio Corrêa, na ponta!”. Qual foi a atitude dele, o grande interessado? “Minha votação ia crescendo, mas eu tinha acabado de ler o livro *A alma de todo apostolado* de Dom Chautard, e entendi que não alcançaria nenhum bom resultado para a Causa Católica como deputado, nem santificaria minha alma, se tivesse apego a esse cargo. Então, tomei a deliberação de não verificar os resultados no jornal”.³³

Certo dia, ao sair rumo à igreja, Dr. Plínio encontrou-se com sua irmã, que lia *O Estado de São Paulo* com especial atenção. Ela sorriu e lhe fez uma profunda reverência, dizendo em tom festivo:

— Senhor Deputado, meus parabéns!

Ele julgou tratar-se de um gracejo, mas ela exclamou:

— Só você para fazer isso! Não sabe que foi eleito?

— Ah, muito bem! Mas não quero perder a Missa. Está na hora!

Estava obtida a primeira grande vitória nessa peleja que ele vinha conduzindo durante longos anos, em favor de seu ideal. ✧



De todas as partes do estado crepitava a informação: “Plínio Corrêa, na ponta!”

²⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵ Jean-Baptiste Chautard (1858-1935), trapista, abade de Sept-Fons, autor de várias obras, dentre as quais o célebre livro *L'âme de tout apostolat – A alma de todo apostolado*, redigido durante uma viagem ao Brasil e que se tornou o livro de cabeceira do Papa São Pio X.

²⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 11 mar. 1994.

²⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 22 ago. 1981.

²⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 15 abr. 1989.

²⁹ Alceu Amoroso Lima (1893-1983), conhecido pelo pseudônimo Tristão de Ataíde, advogado, professor e literato brasileiro, um dos mais célebres pensadores e líderes católicos de seu tempo, agindo no âmbito acadêmico, político, econômico, social e cultural.

³⁰ Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra (1882-1942) foi nomeado sucessivamente pró-Vigário-Geral de São Paulo (1909), Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro (1911), Arcebispo de Olinda e Recife (1916-1918), Arcebispo Coadjuutor do Rio de Janeiro (1921) e, por fim, Arcebispo do Rio de Janeiro (1930), tornando-se em seguida o segundo Cardeal brasileiro na História. Teve um marcante e decisivo papel na vida da Igreja Ca-

tólica no Brasil, por sua atuação no campo intelectual e político.

³¹ Dom Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938), sagrado Bispo em Roma, em 1904, foi por dois anos titular da vasta Diocese de Curitiba. Em dezembro de 1906 foi nomeado Bispo de São Paulo e em 1908 tomou posse como Arcebispo, ao ser esta sede elevada a arquidiocese, pelo Papa São Pio X. Durante seu longo governo, realizou importantes reformas na estrutura dessa circunscrição eclesial.

³² AMOROSO LIMA, Alceu. *Carta a Dr. Plínio*, de 7/6/1932.

³³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 23 nov. 1990.



PARTE III – CONFIGURA-SE A MISSÃO

A voz de Cristo para o século XX

No início da juventude, a vida de Dr. Plínio transcorria promissora e fulgurante. No entanto, a Divina Providência reservava-lhe uma via de dolorosas decepções, estrondosos fracassos e insuspeitadas traições...

*Como
deputado na
Assembleia
Constituinte
e enquanto
líder do
Movimento
Católico em
São Paulo,
lutou pela
Igreja com
todas as forças
de sua alma*

Como dar uma ideia a respeito da vida pública de Dr. Plínio que se iniciava de maneira tão promissora? Nada melhor do que recorrer aos ensinamentos do Evangelho.

“Brilhe vossa luz diante dos homens!” (Mt 5, 16), havia proclamado o Divino Mestre. Sim, a graça refulgia em Dr. Plínio de modo místico e absolutamente incomum, num conjunto de luzes variadas e constantes. Elas se refletiam inclusive em seus escritos, mas, sobretudo, tornavam seus gestos atraentes, suas palavras arrebatadoras, seu porte imponente e sua presença cativante. As multidões seguiram-no entusiasmadas, seus discursos produziram aplausos fogosos, sua figura, em síntese, projetou-se como a de um profeta grandioso, feito para conduzir a sociedade à própria perfeição, destruindo os erros revolucionários. Em consequência, o Autor não duvida em proclamar que Dr. Plínio foi a voz de Cristo para o século XX.

Como deputado na Assembleia Constituinte e, terminado seu mandato, enquanto líder do Movimento Católico em São Paulo, lutou pela Igreja com todas as forças de sua alma, espargindo sua luz pelo Brasil. E a receptividade maior ou menor das pessoas dependia do grau de recusa que tivessem às solicitações do espírito do mundo. Por isso muitos rejeitavam essa

luz e a ela se fechavam, enquanto outros a aclamavam com ardor.

À frente do “Legionário”

Com o intuito de desenvolver um apostolado eficaz, ele transformou um simples jornal paroquial, o *Legionário*, num influente semanário de repercussão internacional, a partir do qual revelou ao mundo o singular carisma profético com que foi dotado pela Providência. Com coragem denunciou o perigo nazifascista que se levantava no Brasil, a fim de que os católicos não se deixassem iludir por falsas soluções, e delatou, já como primeiro presidente da Ação Católica de São Paulo, os incipientes erros que ameaçavam mudar a face imaculada da Santa Igreja, para os quais ninguém ainda abrisse os olhos totalmente.

Lembremos que a essência da missão profética, ao contrário do que de ordinário se acredita, não consiste apenas em fazer vaticínios, mas, sobretudo, em indicar aos homens os rumos da Providência e em



contemplar a visão que Deus tem dos fatos.¹ Como veremos adiante, esta é a característica proeminente do profetismo de Dr. Plínio, embora ele também fizesse previsões... e quanto!

Com palavras de um verdadeiro profeta que antevia os passos seguintes da Revolução, Dr. Plínio desvendava ao grande público aquilo que seu discernimento lhe tornava claro, e não duvidava em lançar prognósticos que se cumpriram muitas vezes ao pé da letra, rasgando a etiqueta de irrealizáveis que qualquer analista lhes teria colocado *a priori*. E, assim, o peso de sua opinião ia crescendo aos olhos de bons e maus.

Presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica

Fruto de seu prestígio enquanto líder católico íntegro, Dr. Plínio foi nomeado em 12 de maio de 1940 presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica de São Paulo.

Ao cumprir esse encargo, procurou ele deitar toda a sua energia na formação de uma elite católica capaz de influenciar a sociedade e mudar os rumos da História do Brasil. Assim como a Revolução tem seus próprios tipos humanos que lhe servem de modelo, apesar de esconder que isso é feito de forma intencional, Dr. Plínio queria constituir algo análogo para a Contra-Revolução. Ademais, para alcançar tal fim era necessário manter-se fiel à ortodoxia em matéria de fé e de costumes, posta em risco pela inoculação nos meios eclesiais de “novas” ideias importadas dos movimentos progressistas da Europa impregnados, de maneira dissimulada, dos piores desvios doutrinários.

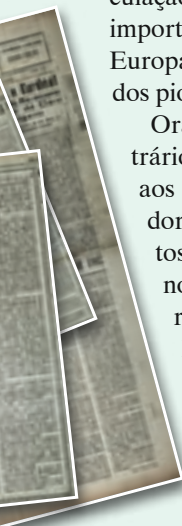
Ora, por que isso não foi possível? Ao contrário do que se esperava, esses planos foram, aos poucos, postos de lado. Com enorme dor, ele constatava que, quanto mais os frutos abundantes da Ação Católica se faziam notar sob seu comando, mais se esfriava a receptividade de uma parte do clero e das lideranças laicais em relação à sua pessoa. Simultaneamente, aqueles que o precederam na direção da Ação Católica, cada vez mais confirmados em sua adesão à heterodoxia, eram apoiados de modo crescente.

Dr. Plínio sabia muito bem que seus adversários tentariam desarticular todo o seu apostolado. Mas, levado por seu amor e fide-



Dr. Plínio discursa no Congresso Eucarístico Nacional, em setembro de 1942

Dr. Plínio sabia muito bem que seus adversários tentariam desarticular todo o seu apostolado, mas levado pelo seu amor e fidelidade à Igreja, isso parecia-lhe impossível



Movido pela clarividência de seu profetismo e por sua fidelidade à Santa Igreja, Dr. Plínio resolveu desmascarar essa heresia suspicaz e velada



Acima, Dr. Plínio discursando em Pindamonhangaba, em 1943; ao lado, capa do livro e fac-símile da carta de apoio enviada pela Secretaria de Estado de Sua Santidade

lidade à Igreja e ofuscado pela sua veneração pelo sacerdócio, isso parecia-lhe impossível. Ele não ousava ver de frente a hipótese de tal iniciativa partir de membros do Episcopado. “Esse foi um momento terrível para mim. Dúvida, isso nunca me causou, graças a Deus, mas uma dilaceração. Esta começou a se apaziguar quando eu percebi que não era algo nascido da Igreja, e sim uma penetração do espírito do mal nela. Afinal, a Igreja amada por mim sempre permanecera igual a si mesma em todos os séculos”.² O Autor está certo de tratar-se de um dos instantes de maior sublimidade na vida de Dr. Plínio, pelo sofrimento suportado por ele.

Um livro “kamikaze”

Movido pela clarividência de seu profetismo e por sua fidelidade a toda prova à Santa Igreja, Dr. Plínio resolveu desmascarar essa heresia suspicaz e velada, ainda que pusesse em risco seu futuro pessoal.

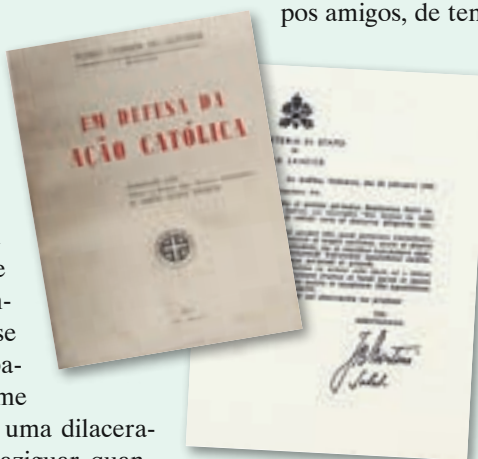
De fato, teólogos de renome mundial já haviam apontado os desvios que assomavam nas

correntes novas, mas os refutavam no campo da alta especulação teológica, em geral inacessível ao povo fiel. Ninguém até então tivera o discernimento do mal em sua totalidade e menos ainda a coragem de delatá-lo. Nasceu assim no espírito de Dr. Plínio a ideia de escrever uma obra consagrada à cabal exposição e denúncia dos erros enquistados na Ação Católica que se alastravam por toda a Igreja: “Era preciso que um brado de alarme se erguesse, e que se operasse o esforço convergente de quantos discerniam o mal, para o revelar de uma vez. Grito de alarme, toque de reunir: o livro *Em defesa da Ação Católica*”.³

Devido à situação criada, Dr. Plínio percebia que a publicação do livro acarretaria um estalo fenomenal não só na Igreja de São Paulo, mas de todo o Brasil. Precisava, por isso, angariar todos os apoios possíveis a fim aumentar o impacto da explosão no campo inimigo. Para tal enviou o livro recém-impresso a vários Bispos amigos, de tendência conservadora, que

lhe responderam com cartas de encômio. A essa correspondência somou-se, por vias providenciais, o apoio do Núncio Apostólico no Brasil, Dom Benedetto Aloisi Masella, que lhe concedeu um prefácio. Ainda de forma quase simultânea à publicação do *Em defesa da Ação Católica*, o Santo Padre Pio XII lançou a Encíclica *Mystici Corporis Christi*, que denunciava muitos dos erros apontados por Dr. Plínio em sua obra. Aos olhos da opinião pública seria uma imprevista aprovação das ideias que, injustamente, lhe valeriam entre alguns o epíteto de herege.

O lançamento do livro foi polêmico, e a retaliação dos opositores, imediata e brutal... de uma ferocidade própria aos covardes. Ao longo dos anos sucessivos, Dr. Plínio seria banido de todos os cargos públicos do Movimento Católico, perderia a direção do *Legionário* e os contratos advocatícios com diversas instituições eclesiais, com as consequências pessoais que isso lhe acarretaria, inclusive em matéria financeira. Mas o mal desvendado perdera



seu dinamismo e os propósitos dos mentores das “novas” ideias nunca se realizariam plenamente no Brasil, nem no mundo. O *kamikaze*, ao colidir no ponto certo, havia abatido a nave adversária.

Na catacumba, período de ostracismo

A partir do fim da década de 1940 inicia-se um período denominado por Dr. Plínio de ostracismo. Seu amor pela Esposa de Cristo o havia levado a ser considerado um pária nas fileiras católicas.

Esses anos de isolamento e perseguição implacável, ele os transpôs acompanhado de um grupo de oito seguidores, antigos redatores do *Legionário*. Com eles daria início à constituição de sua obra, não isenta, porém, de enormes dificuldades e trágicos episódios. A sonhada ordem profética de cavalaria só seria fundada quando ele tivesse derramado todo o sangue de alma que a Providência lhe pedisse, após décadas de desilusões, fracassos, ingratidões e traições por parte daqueles que, em vez de tomar sua luz e difundi-la pelo mundo, muitas vezes a calcaram aos pés.

A esse respeito, o Autor lembra-se de Dr. Plínio ter dado, no ano de 1974, uma orientação de como um futuro biógrafo deveria apresentar sua vida. Ele explicava que a tendência do escritor seria a de deter-se na descrição de determinados padecimentos seus, como, por exemplo, a crise de diabetes que sofreu no ano de 1967, e a este propósito diria que ele foi obrigado a submeter-se durante longos anos a um regime estrito, acarretando-lhe um suplício tremendo, pois era um homem de paladar muito nobre, equilibrado e fino.

Apenas exposta a hipótese, Dr. Plínio, muito enfático, esclareceu o seguinte:

— Isso, porém, não é a minha vida, porque não é descrição da essência do meu sofrimento. Um bom biógrafo meu deveria relatar os tormentos suportados dentro da minha obra. Tudo o que eu desejei realizar com os membros do Grupo e não consegui, pois aí estão minhas principais amarguras. Eu já digo isso porque, no futuro, aparecendo alguém desejoso de escrever minha biografia, deve focalizar esse aspecto.

O Autor procura em sua obra dar ao leitor uma ideia pormenorizada do drama suportado por Dr. Plínio no interior de suas fileiras, sem todavia revelar os nomes dos discípulos infiéis.

Diante do mais terrível abandono e frieza por parte de seus seguidores, sua fé na própria missão foi heroica e inédita na história das fundações. Ninguém como ele esperou tanto contra toda esperança. Mas a luz de seu profetismo haveria de rasgar as trevas e despontariam os primeiros raios de uma aurora de institucionalização em seu Grupo.

“Revolução e Contra-Revolução”

A fim de formar seus discípulos e constituir um arcabouço doutrinário que desse solidez ideológica ao Grupo, no fim da década de 1950, Dr. Plínio instituiu várias comissões de estudos em sua obra. Muitas dessas reuniões, gravadas e posteriormente transcritas, compõem hoje um cabedal de mais de um milhão de páginas de explicitações marcadas pelo seu dom de sabedoria, seu profetismo e seu discernimento dos espíritos.

Nessa mesma época, ele redigiu o que seria o livro de cabeceira de seu Grupo: *Revolução e Contra-Revolução*. Baseado em documentos pontifícios, este ensaio explica o nexos entre todos os males do mundo contemporâneo, nascidos com o Humanismo e requintados sucessivamente com o protestantismo, a Revolução Francesa e o comunismo. Para Dr. Plínio desde uma doutrina até a decoração de uma sala poderiam ser boas ou ruins, se favorecessem ou desviassem da prática da virtude. A Revolução era o fenômeno que explicava a essência dos múltiplos erros disseminados na sociedade.

Enganar-se-ia, porém, quem julgasse ser a descrição sobre a unidade da Revolução o mais importante da exposição doutrinária feita por Dr. Plínio em *Revolução e Contra-Revolução*. Trata-se, isto sim, de uma explicitação magnífica sobre as três profundidades da Revolução, nas tendências, nas ideias e nos fatos.⁴

As tendências desordenadas conduzem ao sofisma

As tendências, quando más, são inclinações veementes que, em decorrência do pecado original, incitam a alma à rebeldia contra o jugo da lei moral, a fim de satisfazer de forma licenciosa seus maus desejos. Se a pessoa cede a essas tendências desordenadas, acabará por justificá-las com algum sofisma, pois a transgressão da lei moral sempre é feita sob a aparência de bem, uma vez que ninguém é capaz de praticar o mal



Esses anos de isolamento e perseguição implacável, ele os transpôs acompanhado de um grupo de oito seguidores, antigos redatores do “Legionário”

Um tipo de revolução modifica os estados de espírito e as ideias: na linguagem interna do Grupo, Dr. Plínio a chamava Revolução A

pelo mal. Cumpre-se assim o princípio enunciado por Paul Bourget:⁵ pelo fato de ser um monólito de lógica, ou o homem age como pensa ou pensará como agiu.

Esse caminho que o homem percorre para cometer um pecado é o mesmo que segue a Revolução para avançar nos fatos.⁶ Para a maioria dos autores e estudiosos do fenômeno revolucionário, somente as ideologias movem a sociedade às grandes reviravoltas. E quando as alterações políticas ou religiosas são efetivadas por meio de turbulentas rupturas, sangrentas ou não, está-se diante do que se costuma chamar uma revolução. Contudo, como acabamos de ver, o processo das mutações na alma humana começa em região mais profunda, antes da eclosão das ideias.

Um tipo de revolução modifica os estados de espírito e as ideias: na linguagem interna do Grupo, Dr. Plínio a chamava Revolução A, subdividindo-a em Revolução A tendenciosa e Revolução A sofisticada. A ela se segue, com ou sem emprego da violência, uma mudança nas instituições e nos costumes, ajustando-se ao esta-

do de espírito recém-criado: é a Revolução B, nos fatos. Sempre a Revolução B é uma consequência da Revolução A tendenciosa e da Revolução A sofisticada, entre as quais a mais importante é a primeira. Este processo da desordem nas tendências à formulação de sofismas para justificar os feitos revolucionários é uma explanação inédita, exposta por Dr. Plínio com estupenda maestria.

Do ponto de vista histórico, com agudíssimo olhar profético Dr. Plínio anuncia o termo do processo revolucionário, já longo de cinco séculos. Baseado na sentença da Escritura “*Omnes dii gentium daemonia* – Os deuses dos pagãos são demônios” (Sl 95, 5), ainda acena para o despontar do seu último estágio: “Nesta perspectiva, em que a magia é apresentada como forma de conhecimento, até que ponto é dado ao católico divisar as fulgurações enganosas, o cântico a um tempo sinistro e atraente, emoliente e delirante, ateu e fetichisticamente crédulo com que, do fundo dos abismos em que eternamente jaz, o príncipe das trevas atrai os homens que negaram Jesus Cristo e sua Igreja?”⁷

Antes de tudo, um problema espiritual

Revolução e Contra-Revolução tem sido considerado por determinados leitores um livro antes de tudo político, quicá socioeconômico ou psicológico. Houve quem, até mesmo dentro do Grupo, o julgasse mero tratado diplomático. Basta, no entanto, ler a obra com bom espírito para perceber que o prisma central de todas as suas análises é religioso, subjugado à Igreja e à vida sobrenatural.

“O fenômeno revolucionário, como está descrito na *RCR*,⁸ é antes de tudo um problema espiritual; o resto, por mais importante



Algumas edições de “Revolução e Contra-Revolução”, publicadas em várias línguas

¹ “A revelação profética se estende não só aos acontecimentos humanos futuros, mas também às coisas divinas. E alcança não só aquelas que se propõem a todos como matéria de fé, como a outros mais altos mistérios, que se comunicam aos perfeitos e que são objeto da sabedoria” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.171, prol.).

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 19 ago. 1981.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. 365 Dias em Revista. In: *Legionário*. São Paulo. Ano XVII. N.595 (1 jan., 1944); p.2.

⁴ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra-Revolução*. 5.ed. São Paulo: Retornarei, 2002, p.40-42.

⁵ Cf. BOURGET, Paul. *Le démon de midi*. Paris: Plon, 1914, v.II, p.375.

⁶ Essa importante explicitação revela bem a atuação do dom de sabedoria em Dr. Plínio, conforme explica o padre Díaz-Caneja: “[Graças ao dom de sabedoria, essas almas] têm uma fé mais firme que a do maior dos apologetas. Gozam de uma sagacidade



Dr. Plínio no início da década de 1970

que seja, é secundário e colateral. O lado mais importante é a atitude que o fiel toma em relação a Nosso Senhor Jesus Cristo e, mais especialmente, ao Sagrado Coração d'Ele, que é a quintessência de tudo quanto n'Ele há de perfeição e de amor".⁹

Ora, se orgulho e sensualidade são as duas molas propulsoras da Revolução, como explica Dr. Plínio em sua obra, as duas condições essenciais para a Contra-Revolução são a humildade, oposta à soberba e origem de todas as demais virtudes, e a pureza. Não é difícil deduzir, conforme disse certa vez Dr. Plínio, que "a Contra-Revolução é a pureza e a humildade",¹⁰ e, para ela ser possível, tem-se necessidade absoluta de dar passos vigorosos nas vias da perfeição. O resto é acessório! Então, levando

à santidade a opinião pública, estar-se-á fazendo Contra-Revolução. Dr. Plínio concluiu que "a RCR é, a seu modo, um tratado do amor a Deus"¹¹ e, "se tomada a sério, um manual de vida espiritual".¹²

Fluência e densidade próprias à Sagrada Escritura

O leitor atento pode perceber o elevado grau de inspiração da obra, cujo resultado foi uma lindíssima ourivesaria: o modo de se exprimir é nobre, sublime e, ao mesmo tempo, sintético; a formulação é própria a uma obra tomista, adornada, entretanto, da expressividade característica de Dr. Plínio; a linguagem mostra-se tão precisa que nela nada se deve acrescentar, tirar ou mudar, como num relógio não se pode subtrair uma diminuta peça sem prejudicar seu funcionamento.

Revolução e Contra-Revolução é comparável à boa música: ouve-se todos os dias sem enfado, porque a cada vez se descobre um aspecto novo. De fato, respeitando as infinitas distâncias com a Revelação, observa-se na RCR um misto de fluência e densidade próprias à Sagrada Escritura e tem-se a sensação de que aquelas linhas são o pavimento de rutilantes pedras preciosas sobre o qual será construído o Reino de Maria, e que há de atravessar os milênios até o fim do mundo. O Autor, às vezes, tem a impressão de que só poderiam ser escritas se ditadas pela Providência, tal como os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio... é uma obra, a seu modo, divina.

Pouco depois da publicação da RCR, Dr. Plínio fundaria, no ano de 1960, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP, que passaria a agir sobre a opinião pública brasileira e mundial, mediante campanhas de difusão contra os erros comunistas e a infiltração esquerdista na Igreja. ✧



Pouco depois da publicação da RCR, Dr. Plínio fundaria, no ano de 1960, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade - TFP

de prodigiosa, de sentidos ainda mais finos que os do teólogo consumado para descobrir erros, heresias, intenções falsas ou dissimuladas. Por instinto descobrem tendências perigosas, riscos e o menor obstáculo que se oponha à Fé. E veem onde os outros não veem nada..." (DÍAZ-CANEJA PIÑÁN, Moisés. Don de sabiduría. In: *La Vida Sobrenatural*.

Salamanca. Ano XLVIII. N.420 (Nov.-Dez., 1968); p.415).

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, *Revolução e Contra-Revolução*, op. cit., p.187-188.

⁸ Sigla muito usada por Dr. Plínio para referir-se à obra *Revolução e Contra-Revolução*.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 24 abr. 1994.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 25 mar. 1990.

¹¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 31 mar. 1966.

¹² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 6 mar. 1993.



A graça de Genazzano

Na década de 1960 a ingratidão e infidelidade dos seus discípulos levariam Dr. Plínio à maior provação de sua existência, seguida de um insigne favor sobrenatural que o sustentaria a vida toda.

Nas décadas de 1950 e de 1960, o Grupo de Dr. Plínio teve um grande incremento com a adesão de novos membros provenientes de famílias de imigrantes. O Autor se encontra entre estes. A injeção de sangue novo daria um impulso à consideração enlevada da missão de Dr. Plínio por parte de pessoas livres dos filtros que a comparação social e certa inveja de alguns de seus primeiros seguidores impunham até aquele momento.

Aos poucos ele foi sendo posto no centro das atenções do Grupo, cada vez mais admirado por

seu profetismo, sua sabedoria e sua bondade. Tais movimentos de alma, inspirados pela graça, ainda deveriam externar-se em gestos pervadidos de amor à hierarquia e à sacralidade.

“O senhor poderia nos dar a bênção?”

Num dia em que lia as revelações da Beata Ana Catarina Emmerick,¹ o Autor deparou-se com um interessante relato. Narrava ela o modo com que a Santíssima Virgem era tratada na Igreja nascente durante o período transcorrido entre a vinda do Espírito Santo e sua Assunção

Aos poucos, Dr. Plínio foi sendo cada vez mais admirado no Grupo por seu profetismo, sabedoria e bondade



Participantes no Primeiro Congresso Latino-americano de “Catolicismo”, realizado em Serra Negra (SP), em 1961



Dr. Plinio em Genazzano, a 23 de setembro de 1988

aos Céus. Considerada como verdadeira Mãe de Deus, a veneração para com Ela teria se intensificado cada vez mais, com a seguinte peculiaridade: Maria dava a bênção aos Apóstolos. Então, a partir dessa leitura, ele conversava com outro membro do Grupo mais jovem, comentando:

— Não sendo sacerdote, Nossa Senhora, no entanto, dava a bênção! É evidente, portanto, que Dr. Plinio pode dar a bênção também!

E resolveram:

— Vamos pedir a ele hoje à noite. Temos de conseguir a sua bênção!

Assim o fizeram. Terminada a reunião que costumava fazer para seus discípulos mais novos na casa principal do movimento, Dr. Plinio dirigiu-se à biblioteca, onde atendia os que o procuravam. Os dois entraram atrás dele e, exposto o assunto, concluíram:

— Então nós queríamos pedir, Dr. Plinio: o senhor poderia nos dar a bênção?

Não foi preciso argumentar muito. Sem a menor resistência, com toda a naturalidade e segurança ele disse:

— Ah, como não? *Benedictio Matris et Mediatricis omnipotentis descendat super vos et maneat semper* – A bênção da Mãe e Medianeira

onipotente desça sobre vós e permaneça para sempre.

Desejo de uma vida de obediência, pobreza e celibato

Pela primeira vez ele dava a bênção! Os dois se retiraram e subiram à Sala do Reino de Maria, a mais solene da casa, com a sensação de serem carregados por Anjos, tomados por um júbilo interior que jamais haviam experimentado.

Mas o que havia de tão extraordinário naquele simples ato de piedade de dois jovens em relação a quem consideravam seu pai e mestre no plano espiritual? Aquela alegria mística consistia acima de tudo numa forte impressão a respeito de Dr. Plinio, que se apresentava aos olhos deles enquanto varão suscitado por Maria Santíssima para uma altíssima missão, e no qual lhes pareciam concentrar-se todos os valores do passado da Cristandade, bem como as sementes de uma era futura. Sim, a Providência queria favorecê-los com graças insígnias, fazendo-os encantarem-se, na realidade, com a presença de Deus numa alma plenamente católica.

Esse fervor se estenderia pelo Grupo, criando um clima de autêntico enlevo, veneração e ternura pela pessoa de Dr. Plinio. Nos corações

Dr. Plinio se apresentava aos olhos desses dois membros do Grupo enquanto varão suscitado por Maria Santíssima para uma altíssima missão

Vendo a decadência de muitos de seus seguidores, Dr. Plínio multiplicou seus esforços apostólicos a fim de reverter esse quadro

se acendia o desejo de entregar-se ao serviço de Nossa Senhora, correspondendo à vocação com uma vida de obediência, pobreza e celibato. Parecia nascer, finalmente, o sol da institucionalização. Mas as nuvens da mediocridade iriam cobrir os seus raios...

Uma crise de diabetes abala-lhe gravemente a saúde

As graças recebidas ao longo da década de 1960 por diversos membros do Grupo eram próprias a mudar definitivamente a fisionomia da obra de Dr. Plínio, com vistas a constituir uma instituição religiosa *de facto*.

Infelizmente, nem todos os seus filhos espirituais corresponderam à altura, deixando-se levar muitas vezes pela banalidade e pelo es-



Dr. Plínio na escadaria da Catedral de São Paulo, após a Missa pelas vítimas do comunismo, em novembro de 1968

quecimento. A figura grandiosa do seu mestre se eclipsava nos espíritos, corroídos pelo mundanismo. Vendo a decadência de muitos de seus seguidores, Dr. Plínio multiplicou seus esforços apostólicos a fim de reverter esse quadro. Em consequência, sua rotina fez-se extenuante e a doença veio bater-lhe à porta. Uma terrível crise de diabetes o prostrou no leito de dor por alguns meses, privando-o do convívio com o Grupo.

Ele adquiriu plena consciência de quão grave havia sido o abalo de sua saúde e, inclusive, via a morte de perto, como narrou pouco tempo depois: “Eu me perguntei a mim mesmo se não seria, afinal, o momento em que Nossa Senhora, cansada de mim, haveria de libertar a minha alma. Essa era minha grande apreensão e minha grande angústia. Mas Ela me ampararia até nessa extremidade, e eu morreria com os olhos postos na misericórdia d’Ela”.²

Diante dessa perspectiva lembrava-se da frase do Evangelho e tinha a impressão de vê-la realizada em si mesmo: “Ferirei o pastor, e as ovelhas serão dispersas” (Mc 14, 27). Era a maior dor de toda a sua vida, assim expressa por ele próprio: “Uma provação espiritual que me fazia sofrer muito mais do que a enfermidade física”.³

Mas Nossa Senhora não abandonaria um filho tão predileto. Ao contrário, em meio ao drama lhe faria sentir o afago de sua mão materna.

A graça de Genazzano: sorriso e promessa

No dia 16 de dezembro de 1967, cerca das seis horas da tarde recebeu ele a visita de alguns membros do Grupo de Minas Gerais. Dr. Plínio manifestou muito contentamento ao vê-los, e, logo ao iniciar a conversa, um deles explicou que, aproveitando a passagem de um amigo por Roma, haviam pedido o favor de adquirir certo quadro, para trazer-lhe de presente. Tratava-se de uma estampa de Nossa Senhora do Bom Conselho de Genazzano, *Mater Boni Consilii*, cópia do miraculoso afresco que lá se encontra desde o século XV.

Dr. Plínio estava quase sentado na cama, recostado em vários travesseiros, quando o quadro lhe foi entregue. Este, então, foi apoiado sobre suas pernas e ele o tomou com as duas mãos.

Absorto, encantado, verdadeiramente emocionado, durante vinte minutos Dr. Plínio con-

templou a estampa sem dela desviar o olhar, mantendo um silêncio apenas interrompido por exclamações:

— Que imagem magnífica! Impressionante, extraordinária! Mas que maravilha! Como Ela é comunicativa! Olhem, parece que Ela quer falar. Ela mudou de cores. Agora tem outra expressão! Como é bondosa, maternal! Ela sorri, disposta a ajudar! Não há palavras, não se sabe o que dizer!

O Autor, que o acompanhava de perto naqueles dias de convalescença, viu nesse instante a fisionomia dele transformada, refletindo uma consolação extraordinária, quase um êxtase! Sem a menor dúvida, a experiência interior, que Dr. Plínio chamará doravante de *graça de Genazzano*, foi um genuíno e profundo fenômeno místico.

“Ao contemplar a imagem eu tive a sensação única, inconfundível, de que o olhar d’Ela se animava, me fitava e me dava segurança”,⁴ relataria dez anos depois. E explicaria também: “Não foi uma visão ou revelação, mas era como se Ela falasse comigo”.⁵

Sem propriamente ouvir uma voz, Dr. Plínio sentiu no fundo de sua alma o afago de Maria Santíssima, com claríssimo significado: “Meu filho, não se perturbe. Confie, porque sua obra será concluída e você cumprirá por inteiro sua missão”. E essa garantia era o que ele mais desejava, pois resolvia o terrível problema que o afligia: “O que a imagem disse correspondia à razão de minha angústia. E essa palavra celeste cicatrizava a ferida no que ela tinha de mais profundo”.⁶

Recuperado da enfermidade, Dr. Plínio retomaria as atividades apostólicas, dando novo alento a seus filhos e consolidando no Grupo um tipo de vida que deveria ser a espinha dorsal de sua ordem de cavalaria.

Regra e regime de vida permeados pelo espírito de Dr. Plínio

Dr. Plínio estivera em Roma no ano de 1962, por ocasião da primeira sessão do Concílio Vaticano II, junto com alguns membros do Grupo que o ajudavam nos seus trabalhos. Estes por vezes faziam incursões piedosas em Assis.

Há perto dessa cidade um antigo mosteiro, erigido nas encostas do Monte Subasio: o Eremo delle Carceri.⁷ Tendo-o recebido em doação



Reprodução

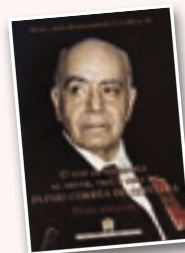
Estampa de “Mater Boni Consilii” recebida por Dr. Plínio como presente no Hospital

dos beneditinos, São Francisco de Assis ali se refugiava com seus frades, a fim de permanecer por alguns dias em oração.

Ora, os acompanhantes de Dr. Plínio costumavam subir até esse local e lá passavam algum período em recolhimento. Quando retornavam a Roma, Dr. Plínio os analisava e, com seu habitual discernimento, notava neles um fenômeno curioso: as fisionomias estavam transformadas. Haviam saído com ares espevitados e voltavam contemplativos.

Então Dr. Plínio também foi a Assis, desejando visitar o *eremo* e, de fato, sentiu ali uma graça toda especial. Por isso, surgiu em sua alma o desejo de instituir, para o Grupo, lugares de retiro, a fim de ajudar as pessoas a curar-se de tantos males produzidos pelo pecado original, pelas misérias atuais e pela Revolução.

Voltando da Europa, resolveu constituir uma instituição de vida comunitária, em uma chácara situada nas proximidades do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Esta recebeu o nome de *êremo*, termo que entraria doravante na linguagem corrente do Grupo, e foi dedicada à



“O que a imagem disse correspondia à razão de minha angústia. E essa palavra celeste cicatrizava a ferida no que ela tinha de mais profundo”

Mas a Providência exigiria de Dr. Plínio um novo ato de entrega e heroísmo: o Grupo foi perdendo o empuxe, apesar do empenho e zelo do fundador

memória de Elias profeta. A partir desse momento ele passou a incentivar ao máximo o que chamou de *graça eremítica*.

Ao Êremo de Elias se seguiram outros, mas o êremo *princeps* estaria dedicado ao grande Patriarca do Ocidente, São Bento. O local escolhido por Dr. Plínio foi um antigo mosteiro situado na zona norte de São Paulo. O abençoado prédio, impregnado do aroma beneditino, seria o *cadre* ideal para uma existência marcada pelo esplendor do cerimonial, pelo tônus sacral dos gestos e das atitudes, e pela mais alta contemplação. Ali a vocação profética e combativa de Dr. Plínio se manifestaria em todo o seu esplendor, abrindo o espírito dos eremitas aos mais elevados e sublimes horizontes. O Êremo de São Bento representou o triunfo da Contra-Revolução tendencial.

O Autor teve a graça de fazer parte da instituição a partir do ano de 1970, haurindo até o mais profundo da alma esse sopro do Espírito Santo, que inspirava um regime de vida e uma regra permeados pelo espírito de Dr. Plínio.

Oferece-se como vítima a fim de salvar sua obra

Mas a Providência exigiria de Dr. Plínio um novo ato de entrega e heroísmo, pois o Êremo de São Bento passaria, junto com toda a instituição eremítica, por uma terrível noite escura. O Grupo em geral foi perdendo o empuxe, apesar do empenho e zelo do fundador em manter



Dr. Plínio diante da entrada principal da sede da Rua Pará, em São Paulo, em 1966

acesa a chama do entusiasmo. Assim ele descreveria a realidade interna de sua obra no ano de 1974:

“Nas várias sedes da TFP, inclusive nos êremos, a brincadeira e a piada, é verdade que sem jamais ter nada de imoral, mantinham um ambiente de superficialidade, o qual propiciava um relaxamento à maneira do que existe em certos dias de calor. Temos a impressão de que o asfalto da rua não só amolece, mas se evapora; os rios correm, mas as águas não borbulham; e todas as coisas parecem chorar a inutilidade de si mesmas. Esse mal, sendo participado por muitos, era grave”.⁸

Além disso, dizia sentir também que os demônios rondavam à espreita de fazer algo contra ele, referindo-se, inclusive, à possibilidade de um desastre. “Amanhã pode ser que

o meu automóvel dê uma trombada”,⁹ comentou, e levantava a hipótese de permanecer por algum tempo entre a vida e a morte, sangrando na estrada. Tivera ele alguma premonição do que aconteceria em breve?

O dia 1º de fevereiro de 1975 era um sábado. Segundo o costume, após o jantar ele se reuniu com alguns membros do Grupo no salão de sua residência. Dr. Plínio discorreu a respeito do estado em que se encontrava sua obra e, à medida que falava, analisava a conjuntura e ia dando-se conta, com mais acuidade e precisão, de quanto era trágica. Em consequência, movido pelo exemplo de Santa Teresinha, resolveu renovar seu oferecimento como vítima, decidido

¹ Cf. BEATA ANA CATARINA EMMERICK. *Visiones y revelaciones completas*. Buenos Aires: Guadalupe, 1954, t.IV, p.252.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 13 jan. 1968.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Una “Dichiarazione”. In: *Madre del Buon Consiglio*. Genazzano. Ano LXXXVIII. N.7-8 (Jul.-Ago., 1985); p.28.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 26 abr. 1977.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 2 ago. 1992.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 26 abr. 1974.

a passar pelo sofrimento que aprovresse a Maria Santíssima: “Pedi a Nossa Senhora para fazer de mim o que entendesse, como alguém que possui dinheiro no banco: saca quanto precisa. Que Nossa Senhora sacasse quanto Ela quisesse deste modesto banco chamado Plínio Corrêa de Oliveira”.¹⁰ Só não oferecia formalmente sua vida por fidelidade à graça de Genazzano, que lhe prometera ver cumprida sua missão.

Consuma-se o holocausto: o desastre de 1975

Dois dias depois, partia ele para uma fazenda na cidade de Amparo. O motorista de seu carro, que desejava chegar logo ao destino, imprimiu ao automóvel uma velocidade imprudente, sobretudo por ser um dia chuvoso e a estrada cheia de curvas. Dr. Plínio havia-lhe advertido para que fosse mais cuidadoso, mas em vão. O pior aconteceu: o carro de Dr. Plínio derrapou na pista molhada e chocou-se de frente com um ônibus. Toda a força do impacto se concentrou sobre ele.

Tendo a perna esquerda cruzada sobre a direita, o seu joelho esquerdo golpeou o porta-lu-

vas e a bacia não resistiu ao choque: foi afundada e quebrada pelo fêmur, que também sofreu avarias. Ao mesmo tempo, o corpo foi projetado contra o painel, causando a fratura de duas costelas. E, tendo ele levantado a mão esquerda para se defender, todos os ossos desta foram esmigalhados pelo vidro, com o qual colidiu igualmente o cotovelo direito, partindo o úmero. Com a batida de sua cabeça contra o para-brisa dois dentes da frente foram arrancados e o lábio superior foi cortado de alto a baixo, ocasionando grande perda de sangue. A pálpebra esquerda, por sua vez, foi quase toda rasgada e permaneceu pendente, acontecendo o mesmo com a sobrancelha. Além de tudo isso, quem ocupava o banco traseiro foi projetado para a frente e caiu sobre ele.

Trinta e seis horas depois de seu oferecimento como vítima expiatória, a Providência havia assentido e colhido o holocausto de Dr. Plínio, permitindo que sua integridade física fosse atingida de forma trágica. Anos depois ele o reconhecerá, dizendo: “Muitos fatores levam a crer que Nossa Senhora aceitou o sacrifício já na segunda-feira”.¹¹ ✧



Trinta e seis horas depois de seu oferecimento como vítima expiatória, a Providência havia assentido e colhido o holocausto de Dr. Plínio



Estado em que ficou o carro de Dr. Plínio após o desastre; toda a força do impacto se concentrou sobre ele

⁷ Do latim *eremo* – lugar ermo, afastado e pouco frequentado –, a idêntica palavra italiana tem o mesmo significado. O Eremo delle Carceri seria o *Retiro dos Cárceres*, nome dado às grutas onde

São Francisco e seus religiosos se recolhiam para a meditação.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 3 fev. 1993.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 24 dez. 1974.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 3 fev. 1993.

¹¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 3 fev. 1988.



PARTE V – PLENITUDE: “COMBATI O BOM COMBATE”

Os frutos de um holocausto

No último período da vida, Dr. Plínio haveria de enfrentar os maiores sofrimentos espirituais e físicos, comprando dessa maneira as graças para a duração de sua obra até o fim do mundo.

A partir desse holocausto, a vida do Grupo seguiria outro rumo, transformada por um novo fluxo de graças

Nos primeiros momentos após o desastre, os que presenciavam as terríveis cenas da estrada de Amparo, tomados de estupor e de compaixão, não possuíam elementos para penetrar em seu significado mais profundo. Entretanto, o espetáculo daquele varão forte, robusto e cheio de vitalidade, prostrado no asfalto, vertendo sangue por inúmeras feridas, sendo trasladado a uma sala de operações e, pior do que tudo, privado de sua plena consciência por um tempo cuja duração ninguém

podia prever, representava um marco histórico para sua obra.

A infidelidade de algumas gerações de discípulos de Dr. Plínio, desde o núcleo inicial dos companheiros de Congregação Mariana, havia levado o Grupo a um estado de deperecimento em que tudo parecia irremediavelmente encalhado. As circunstâncias pareciam indicar a ele que tal situação só poderia ser revertida por meio de um grande sacrifício, e ele se dispôs a pagar o preço.

A partir desse holocausto a vida do Grupo seguiria outro rumo, transformada por um novo fluxo de graças, e as instituições internas floresceriam com vigor irresistível.

Analizando Dr. Plínio de perto e sem véus

Também para o Autor o acidente do dia 3 de fevereiro foi um terrível impacto de surpresa. Mas desde o primeiro instante foi ele tomado por um sentimento inexplicável de paz, que percebia ser fruto da graça.

Posteriormente, tendo a ocasião de acompanhar Dr. Plínio durante os vários meses de convalescência, pôde observar certos predicados que até então ele não tivera oportunidade de externar.



Dr. Plínio em seu apartamento, durante a longa convalescência do desastre

Sob o efeito de um trauma neuropsíquico como aquele, a pessoa manifesta sem véus o que leva no fundo do subconsciente. Ora, nesse período o Autor analisou seu mestre de perto na maior intimidade e comprovou, com pasmo, o quanto a vida sobrenatural era entranhada em sua alma.

Ao fazer comentários a respeito de médicos, enfermeiros ou visitantes, todas as suas análises psicológicas eram precisas e inerrantes. Depois de uma conversa de cinco ou dez minutos, descrevia com toda a acuidade os diversos aspectos da alma daquele que acabava de sair. Ou seja, ele havia sofrido um abalo no

uso normal da razão, mas não no discernimento dos espíritos, o qual continuava intacto e, inclusive, mostrava-se agora mais rico, pois ele revelava sem reservas o que via.

Desse modo, o Autor pôde perceber e apalpar o que antes nunca poderia imaginar: em Dr. Plínio, a sabedoria e os carismas dados pela Providência transpareciam mais do que a própria natureza. Tal descoberta deu-lhe grande segurança em suas convicções, e então pensava: “Esse homem é completamente incomum! O dom de discernimento dos espíritos nele é mais estável, atuante e robusto do que a consciência. Aqui está Deus falando por ele”.

E, acima de tudo, durante esse período da semiconsciência jamais o Autor presenciou em Dr. Plínio a menor atitude ou gesto que se pudesse apontar como falta moral, nem sequer a mais leve. Tudo em sua intimidade era exemplo de virtude, dignidade e sacralidade.

Novo e intenso convívio entre discípulo e mestre

Assim, o fato de conhecer de modo mais profundo qual era a aliança de Deus com aquele homem, e comprovar de forma tão patente a divinização de sua alma pela vida sobrenatural, foi para ele motivo de graças ainda mais intensas do que as recebidas na década de 1960.

O próprio Dr. Plínio daria mais tarde testemunho da mudança ocorrida nas relações desse filho com ele quando descreveu o que lhe passava pela mente naqueles momentos, nas brumas da semiconsciência: “Dentro daquela confusão, de vez



O Autor conversando com Dr. Plínio enquanto jantava na intimidade do seu apartamento, na década de 1990

em quando eu voltava a mim e encontrava o João sentado junto à minha cama, sempre numa cadeira próxima da cabeceira, olhando-me. Eu via que ele me analisava com muita atenção e afeto, e eu pensava: ‘Há algo de novo na cabeça dele’¹.

Por outro lado, suas súplicas insistentes a Nossa Senhora, durante os cinco anos de vida eremítica, no sentido de ter um convívio mais assíduo com seu pai e fundador, foram atendidas de forma inesperada e com uma abundância que o Autor não poderia excogitar. Passada já uma década, Dr. Plínio se referia a esse feliz resultado dos acontecimentos de fevereiro de 1975, com expressões de afeto e benquerença: “Um dos frutos mais importantes do desastre foi o de ele me ter dado o convívio com o meu João. Uma alegria enorme!”²

O “Jour le jour”: convite a tomar Dr. Plínio como modelo

Movido pelas graças que a proximidade com Dr. Plínio lhe trazia e orientado em tudo por ele, o Autor deu início a um apostolado interno no Grupo a fim de quebrar o gelo em relação à pessoa do fundador,³ ainda relegada por muitos ao esquecimento. Para isso, começou a reunir-se com os mais jovens, chamados de “enjolras” por Dr. Plínio.

Nessas ocasiões, o Autor relatava episódios dos dias posteriores ao desastre e também analisava a semana de Dr. Plínio, contando o que presenciara e repetindo suas conversas e comentários. Nascia a instituição que naturalmente receberia o nome de reunião do *Jour le jour*, dia a

Tudo na intimidade de Dr. Plínio, inclusive durante a semiconsciência, era exemplo de virtude, dignidade e sacralidade

O Êremo do São Bento revivia, e nele os aspectos religioso e militar da vocação se apresentavam em perfeita consonância

dia em francês, na qual tinha larga cabida a descrição de pequenos fatos cotidianos, reflexo de uma mentalidade entranhada no divino, que todos aprendiam a descobrir e admirar. Assim, o simples ato de tirar o chapéu ao passar em frente a uma igreja ou a rápida decisão ao escolher o pedaço de pizza apresentado pelo garçom de um restaurante eram matéria tratada nessas reuniões, como *fatinhos* dignos de nota pela lição que continham para os espíritos atentos.

Ao longo dos meses o entusiasmo foi se acendendo e chegou o momento em que o domingo inteiro, da manhã até a noite, era tomado por temas catequéticos e pelas narrações sobre o passado e o presente de Dr. Plínio, numa atmosfera de grande alegria e vivacidade.

Tal método levava as pessoas a desejarem com ardor e radicalidade as últimas consequências da entrega à vocação. Por outro lado, acentuava muito a necessidade de tomar Dr. Plínio como modelo. Desse modo, para uma boa parcela do Grupo ele passou a ser o centro das atenções e o assunto das conversas. E durante suas conferências os ouvintes começavam a manifestar sua adesão e seu encanto, através de exclamações e aplausos.

Renascem os êremos

Entretanto, as graças conquistadas pelo oferecimento de Dr. Plínio, colhido no dia 3 de fevereiro, produziram frutos ainda maiores.

No início do ano de 1977 os membros do Grupo de Porto Alegre, em sua maior parte muito novos, por certas atitudes que demonstravam falta de zelo e compenetração, foram chamados a São Paulo para uma conversa com

Dr. Plínio na biblioteca do Êremo de São Bento, o qual se encontrava vazio na ocasião, tendo os moradores se mudado para outra casa. Antes, porém, por orientação de Dr. Plínio o Autor os admoestou fortemente.

Os jovens, muito compungidos, pediram perdão a Dr. Plínio desejosos de reparar a falha cometida. Ele completou a repreensão, mas, ao mesmo tempo, elogiou a boa disposição em que estavam no momento e aconselhou-os a se manterem sempre naquela impostação de espírito. Então, impressionados, eles suplicaram permanecer para sempre no Êremo de São Bento.

Dr. Plínio, depois de conversar com o Autor e dar-lhe indicações precisas de como proceder, aceitou o pedido.

O Êremo de São Bento revivia, e nele os aspectos religioso e militar da vocação se apresentavam em perfeita consonância, em meio a movimentações, desfiles, cortejos solenes em honra de Nossa Senhora, cânticos e proclamações. Um novo tipo humano era forjado, todo feito de sacralidade, temperança e combatividade.

“Desejei esta ordem de cavalaria!”

No ano de 1980, por ocasião da festa litúrgica de São Bento, Dr. Plínio foi ao êremo, no qual havia sido concluída uma reforma dos prédios. Pediram-lhe que visitasse todos os ambientes da casa, o que ele fez de bom grado, percorrendo as dependências, inclusive a cozinha e cada uma das celas. Depois de verificar a perfeita ordem de tudo com grande contentamento, entrou na capela. Nesse instante, o Autor aproximou-se dele e suplicou-lhe fazer uma oração em voz alta, diante do Santíssimo Sacramento.



Eremitas de São Bento e Præsto Sum durante a cerimônia de ação de graças a Maria Santíssima pelo natalício de Dr. Plínio, celebrado em 13/12/1991 no Pátio da Glória

Sempre flexível e desejoso de beneficiar seus filhos espirituais, ele aceitou. Dirigindo-se a Jesus Sacramentado, improvisou uma prece: “Vós bem vistes o transbordamento de minha alegria, de minha afinidade de alma com tudo quanto aqui via. Uma espécie de surpresa, de pasmo e de maravilha, como quem pensa: ‘Mas, Senhor, então é verdade que aquilo que esperei se realiza? É verdade que aquilo que pedi veio parar nas minhas mãos? É verdade que aquilo que eu desejei Vós acabastes, pelos rogos de vossa Mãe, de dar-me tão inteiramente?’”⁴

Em seguida, com palavras que jorravam do fundo de uma alma na qual jamais vacilara a esperança, exclamou: “Desejei esta ordem de cavalaria! Desejei-a como ela é, com a gravidade, com a seriedade, com a solenidade, com a força, com a capacidade de reflexão, com a decisão que aqui eu noto, e nas quais eu saúdo o primeiro degrau de uma longa e alta escadaria que deve conduzir aos mais altos patamares da vitória”.⁵

Bebendo por inteiro a cálice da dor

Os anos posteriores ao desastre de 1975 trouxeram muitas consolações a Dr. Plínio, por ver sua obra vingar, sobretudo entre os mais jovens. Todavia, as perseguições externas e, por vezes, até internas não faltaram. Nessas circunstâncias ele conservava a calma imperturbável de quem confia plenamente na intervenção de Deus. O Autor, observador atento de suas atitudes nos momentos de triunfo e de incerteza, pode testemunhar nunca tê-lo visto eufórico ou desanimado, nem sequer por poucos segundos. Seu equilíbrio era angélico: mantinha-se sempre bem

disposto, transmitindo a todos paz, força e segurança.

À medida que a idade avançava, sua fé na certeza da vitória da Contra-Revolução crescia, impulsionando-o a dar mais de si, a ponto de mostrar uma sede insaciável de sacrificar-se. Desejava derramar todo o sangue que lhe era pedido, a fim de com ele irrigar o solo do Reino de Maria.

“Morrerei com 86 anos? Irei a 92, como mãe? Irei a mais? Só Nossa Senhora o sabe. Meu desejo é viver tanto quanto Ela queira, mas confesso a vontade de ver atendida a bela súplica de um Salmo: ‘não me leves na metade dos meus dias’ (cf. Sl 101, 25). Ou seja: ‘Um número de dias foi contado para mim quando fui criado. Ó Deus, considerai não as minhas lacunas, mas a vossa misericórdia, dai-me a graça de ter feito e vivido tudo quanto deveria, de cerrar os olhos tendo bebido inteiro o cálice da dor’. Eu morreria desapontado se tivesse a ideia de haver fugido de uma gota de dor”.⁶

A Revolução morreu!

Em que consistia essa dor? Ele mesmo o explica, em termos de uma grandeza bíblica:

“Deus me fez uma promessa e me deu uma esperança, mas quis pôr em minha via a crueldade do desmentido. Eu tinha de tropeçar no desmentido e formar novo ato de confiança. Meus passos avançam até o momento da morte se apresentar. Não há mais saída! Então, como é? Sua vontade foi fazer-me passar por essa prova terrível, mas terminá-la com a mesma tranquilidade: ‘Senhor, quisestes me fazer atravessar o vale das decepções mais cruéis. Atravessei-o! Posso dizer como São Paulo ao morrer: *Bonum certamen certavi*,



Os anos posteriores ao desastre trouxeram-lhe muitas consolações, por ver sua obra vingar entre os mais jovens



Dr. Plínio dando reunião para jovens no Auditório São Miguel, em agosto de 1982 (esquerda), e no de Maria Auxiliadora, em 23/12/1993 (direita)

Tão heroica fé, em meio à mais dura provação, manifestou-se em suas conferências durante os últimos meses de vida terrena

cursum consummavi, da mihi premium gloriae tuae – Combati o bom combate, percorri todo o meu caminho. Agora, Senhor, dai-me o prêmio de vossa glória’. [...] Segundo uma linda tradição, sua cabeça foi cortada com tanta violência que saltou e bateu três vezes no chão, fazendo surgir de cada vez uma fonte. Eu então diria o mesmo: ‘Minha cabeça decepada pela decepção, mas fiel a si mesma, bateria no chão e executaria o plano de Deus: três fontes, uma nova era histórica se abriria’. A promessa estaria realizada. Minha cabeça cortada, minhas esperanças desiludidas teriam aberto o Reino de Maria!’⁷

Tão heroica fé, em meio à mais dura provação, manifestou-se em suas conferências durante os últimos meses de vida terrena, nas quais transparece a convicção do triunfo final de Deus na História. O Autor está certo de ter sido essa fé a que abriu irreversivelmente as portas do Reino de Maria. Sim, o sacrifício e as dores de Dr. Plínio não foram em vão. Ele mesmo os via, de algum modo, pesar na balança divina como elemento decisivo para a derrota do mal:

“No meu tempo de jovem o mundo ainda vivia o outono e o inverno da tradição. Tudo quanto era tradicional, tudo quanto era conforme ao que nos tinham legado os séculos de fé anteriores, tudo morria. Pelo contrário, tudo quanto aparecia era a contestação do passado e a fabricação de um futuro diretamente oposto ao passado que parecia descer para a sepultura. Hoje podemos afirmar: chegou a era do outono e do inverno da Revolução. Ferida de um golpe que nós esperamos que seja um golpe fatal e de morte, ela vai se recolhendo para a sua gruta como uma bruxa resmunguenta, derrotada e complexada. Durante esse tempo aparece, radiosa, a aurora da Contra-Revolução”.⁸

E ele concluía com um brado profético, mais atual do que nunca: “Revolução maldita, igualitária e gnóstica, tua hora chegou, recolhe-te aos antros dos quais jamais deverias ter saído. Sol da ortodoxia, sol da fé,

sol da castidade, sol da coragem cavalheiresca, levanta-te porque é a tua hora’. Empunhando o gládio da Palavra de Deus, empunhando o gládio da boa argumentação, o gládio da afirmação categórica e corajosa de nossas verdades, proclamemos: ‘A Revolução morreu, morreu, morreu!’”⁹

Perplexidade diante dos desígnios divinos

Em 1995 Dr. Plínio foi acometido por uma série de preocupações. Embora sentisse as forças diminuírem, nunca alterou a densa rotina de suas atividades.

Em fins de julho desse ano, seus discípulos insistiram para que repousasse por alguns dias na fazenda de Nossa Senhora do Amparo. O Autor se encontrava na Espanha, após recuperar-se de uma grave e penosa doença. Algumas semanas depois Dr. Plínio assentiu, e partiu em 21 de agosto, voltando à capital paulista somente na noite de 1º de setembro, diretamente para o Hospital Oswaldo Cruz. O diagnóstico era dramático: câncer no fígado, com metástases nos pulmões. Não obstante, durante seu último mês de vida a perplexidade diante dos misteriosos desígnios de Deus a seu respeito era-lhe mais dolorosa que as atrozes dores físicas que



Adoração da Santa Cruz durante a Celebração da Paixão do Senhor, na Sexta-Feira Santa de 1994

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 19 nov. 1983.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 3 fev. 1985.

³ É preciso não esquecer o desejo de Dr. Plínio, sempre alimentado e renovado, de transformar a sua

obra numa instituição religiosa. Assim, aqueles dentre seus seguidores que almejassem ser fiéis ao chamado dele deveriam considerá-lo já nesse tempo como o fundador de uma família espiritual. Nessa visualização, a pessoa dele deveria ser objeto da venera-

ção e da confiança que aos fundadores devem tributar os seguidores, como assinala muito bem Fábio Ciardi: “Os discípulos podem olhar para o seu fundador como o modelo a imitar, o ‘espelho’ em que olhar-se, o protótipo como o qual se conformar. Justamente

padecia, levando-o a exclamar: “Tudo se resolveria se eu compreendesse um ponto!”.

Segundo a opinião do Autor, Dr. Plínio desejava discernir se sua morte era uma punição por alguma falta cometida que ignorava, ou se estava nos desígnios de Nossa Senhora do Bom Conselho quando lhe prometera interiormente ver realizada sua missão. Questão tão delicada, própria a uma consciência puríssima, só se resolveria ao transpor os umbrais da eternidade. Nesta Terra deveria ele beber esse amarelado cálice, sem, contudo, perder a confiança: “Se não houvesse *Mater Boni Consilii*, nada haveria”, diria no hospital.

Se um Anjo falecesse...

Conforme avançava a doença, sentia uma dificuldade crescente em se expressar. Em determinado momento exclamou: “O sofrimento é indizível, indizível, indizível...”. Se a meta de todas as suas atitudes durante a vida foi unicamente a glória de Deus, também na morte teria ele o mesmo objetivo: “Preciso me preparar para morrer da maneira que mais glorifique a Deus”, afirmou a menos de um mês de seu passamento. E, poucos dias depois, dirigindo-se ao Autor, ele confidenciou:

— Aprendi a confiar no mais terrível abandono. Julguei-me abandonado até por Jesus.

Procurando confortá-lo, o Autor lembrou-lhe ser a sensação de abandono a maior provação de quem se oferece como vítima. Tendo Dr. Plínio especial devoção à agonia de Nosso Senhor no Horto, recordou-lhe esse episódio, com palavras por ele mesmo formuladas:

— Há muitos Hortos das Oliveiras na vida dos homens.

Ao escutar tal afirmação, Dr. Plínio concluiu:

— É o abandono por excelência!

Mas a Mãe de Misericórdia lhe obteve também instantes de consolação, um dos quais ocorreu na noite de 17 para 18 de setembro, quando exclamou: “Celeste Jerusalém! Oh, Céu, cidade de Deus!”.

Contemplando-o imerso no drama e no sofrimento, o Autor sentia-se mais fascinado por sua pessoa. Em certa ocasião o indagou:

— Por que o senhor atrai tanto?

Dr. Plínio logo respondeu, apontando a um Crucifixo:

— Pergunte a quem atraiu infinitamente mais...

Sua fisionomia quase sempre exprimia uma dor cheia de paz, sobretudo em seus últimos dias e, ainda mais, nas três horas de sua agonia.

No ocaso de 3 de outubro de 1995, tendo à direita uma relíquia do Santo Lenho e uma vela benta, portando na outra mão um rosário e sob o olhar de *Mater Boni Consilii*, Plínio Corrêa de Oliveira entregou seu espírito a Deus. As fotos de seu corpo, já revestido pelo hábito idealizado por ele para sua ordem de cavalaria, atestam a veracidade destas suas palavras: “É próprio do holocausto ser feito com tanta boa vontade que na hora do *consummatum est* floresce um sorriso”.¹⁰ O Autor teve a graça de assistir a seu último suspiro e pode afirmar que se um Anjo falecesse não seria diferente... ✧



As fotos de seu corpo, já revestido pelo hábito idealizado por ele para sua ordem de cavalaria, atestam a veracidade destas suas palavras



Após a morte, o rosto de Dr. Plínio esboçou um discreto sorriso

porque o que se comunica é uma experiência e os seus frutos, a pessoa e a vida do fundador tornam-se o *locus teologicus* a se atingir” (CIARDI, Fabio. *I fondatori: uomini dello Spirito*. Roma: Città Nuova, 1982, p.375).

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 21 mar. 1980.

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 5 fev. 1995.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 23 jan. 1994.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 23 set. 1994.

⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 17 maio 1995.

Plínio Corrêa de Oliveira está vivo!

Dr. Plínio era um profeta de tal grandeza que, mesmo morto, de alguma forma era imortal. Um homem de sua estatura moral não poderia desaparecer nas brumas da História.

Durante os últimos dias de Dr. Plínio, o Autor sentiu-se sustentado por uma especial graça de alegria, que o ajudou a preparar o Grupo para o fato dramático e doloroso do falecimento do fundador. Tendo-o amado tanto em vida, dir-

-se-ia que uma tristeza mortal se apossaria de seu estado de ânimo ao vê-lo expirar. Mas a Providência não o quis assim.

Uma ideia o consolava: Dr. Plínio era um profeta de tal grandeza que, mesmo morto, de alguma forma era imortal. Um homem de sua estatura moral não poderia desaparecer nas brumas da História como tantos outros. Sim, ele interviria no curso dos acontecimentos para favorecer a vitória do bem e acelerar a derrota do mal. Desse modo, o efeito da morte de Dr. Plínio para o Grupo foi um surto de novas graças, que a todos encheu de júbilo pela certeza da iminente queda da Revolução.

De sua parte, o Autor passou a perceber em si uma ação sempre mais intensa do espírito de Dr. Plínio. Sentia-o atuante em seu interior, de forma difícil de exprimir com palavras. Tal havia sido o imbricamento com Dr. Plínio que, estando ele agora na eternidade, por um

verdadeiro fenômeno místico acentuava-se sua presença no mais íntimo do coração desse filho.

Por outro lado, aos olhos do Autor essa inspiração sobrenatural se fazia patente também nos demais seguidores de Dr. Plínio que se mantinham unidos no entusiasmo e na fidelidade a seu mestre. Sua figura estava acesa na lembrança de todos e, do Céu, ele era um emissor de santidade para seus discípulos.

Para o Autor, antes do ano de 1995, a morte de Dr. Plínio era uma questão que não se punha. Como se daria o Reino de Maria sem ele? Pois bem, nos dias que precederam seu passamento e durante as Santas Missas celebradas em seu funeral, compreendeu: ele se tornaria imortal em sua obra. De fato, seu espírito nela continua vivo e ativo, e, com o auxílio da Medianeira de todas as graças, assim permanecerá pelos séculos futuros.

A missão de Dr. Plínio se cumprirá através de seus filhos espirituais, tal como ele sempre esperou. A Revolução será humilhada, condenada e derrotada, e a Igreja reflorescerá com uma beleza, uma luz e um vigor totalmente novos. ✧



Dr. Plínio em 11/12/1994

Sérgio Miyazaki



Mário Shinoda

Para o Autor, a morte de Dr. Plínio era uma questão que não se punha. Como se daria o Reino de Maria sem ele?

Mons. João reza junto ao corpo de Dr. Plínio durante o velório, em 4/10/1995

David Santos Domingues

Stephen Nami



Tito Alarcón

Timothy Ring

Primeiros arautos sacerdotes – Em 15 de junho de 2005, Mons. João e mais 14 diáconos foram ordenados presbíteros na Basílica do Carmo, onde se deu o primeiro encontro. Hoje, quase 200 sacerdotes arautos tomam Dr. Plínio como mestre, modelo e guia.



Sergio Miyazaki



Centros de Espiritualidade – Basílicas e igrejas de um estilo arquitetônico inspirado no gótico são construídas, tornando-se foco de afervoramento espiritual. O grande número de pessoas que as frequentam à procura dos Sacramentos e o crescente número de jovens de ambos sexos nas fileiras dos Arautos comprovam a pujança da obra e a perenidade do ideal.

Interior da Igreja Nossa Senhora do Carmo e das Basílicas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e de Nossa Senhora do Rosário, todas elas na Grande São Paulo



Mário Shinoda

Dr. Plínio venera a imagem de Nossa Senhora de Fátima, na década de 1970

“Meu Imaculado Coração triunfará”

É bom que, ao fim destas reflexões, nosso espírito se detenha na consideração das perspectivas últimas da mensagem de Fátima. Para além da tristeza e das punições supremamente prováveis, para as quais caminhamos, temos diante de nós os clarões sacrais da aurora do Reino de Maria: “Por fim o meu Imaculado Coração triunfará”. É uma perspectiva grandiosa de universal vitória do Coração régio e maternal da Santíssima Virgem. É uma promessa apaziguadora, atraente e sobretudo majestosa e empolgante.

Para obviar o castigo na tênue medida em que é obviável, obter a conversão dos homens na fraca medida em que segundo a economia comum da graça ela é ainda obténível antes

do castigo, para apressar o quanto possível a aurora bendita do Reino de Maria, e para nos ajudar a caminhar no meio das hecatombes que tão gravemente nos ameaçam, o que podemos fazer? Nossa Senhora no-lo indica: o afervoramento na devoção a Ela, a oração, a penitência.

Para estimular-nos à oração, revestindo-Se sucessivamente dos atributos próprios às invocações de Rainha do Santíssimo Rosário, de Mãe Dolorosa e de Nossa Senhora do Carmo, Ela nos indicou quanto Lhe é grato ser conhecida, amada e cultuada por esta forma.

Plínio Corrêa de Oliveira.
Fátima, numa visão de conjunto. In:
Catolicismo, maio de 1967.